



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**O MOVIMENTO DAS DIRETAS JÁ E A COBERTURA  
FOTOGRAFICA DA REVISTA VEJA (1983-1984)**

**EVANDY ALVES VIEIRA**

**CAJAZEIRAS - PB  
2015**

EVANDY ALVES VIEIRA

**O MOVIMENTO DAS DIRETAS JÁ E A COBERTURA  
FOTOGRAFICA DA REVISTA VEJA (1983-1984)**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota e do título de licenciado em História.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Rita Uhle

**CAJAZEIRAS - PB  
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

V658m Vieira, Evandy Alves  
O movimento das diretas já e a cobertura fotográfica da revista  
Veja (1983-1984). / Evandy Alves Vieira. - Cajazeiras: UFCG, 2015.  
91f. : il.  
Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Ana Rita Uhle.  
Monografia (Graduação) – UFCG.

1.Fotografia jornalística. 2. Revista Veja- cobertura fotográfica-  
1983-1984. 3. Movimento das Diretas Já. 4. Fotojornalismo- período  
das Diretas Já. 5. Imagem fotográfica.  
I. Uhle, Ana Rita. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –77.044

EVANDY ALVES VIEIRA

**O MOVIMENTO DAS DIRETAS JÁ E A COBERTURA  
FOTOGRAFICA DA REVISTA VEJA (1983-1984)**

Aprovado em: 14/12/2015



**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Rita Uhle**  
Orientadora



**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Moreira Neto**  
Membro interno



**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosilene Alves de Melo**  
Membro interno

**Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto**  
Suplente

**CAJAZEIRAS - PB**  
**2015**

Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

**Parágrafo Único do art. 1º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**

## **DEDICO**

Aos meus pais, Sebastião e Maria, pelo incentivo e parceria.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Deus da minha fé.

À minha orientadora, Ana Rita Uhle, pela paciência, disposição em me guiar em momentos de escolhas dentro da pesquisa, pelas trocas de ideias, indicações de leituras e pelos sábios conselhos.

Ao professor Francisco Firmino Sales Neto, pela ajuda na lapidação do meu tema no início do projeto.

Agradeço a todo o corpo docente do Curso de História - UFCG/Cajazeiras pelas contribuições no exercício do conhecimento.

Aos funcionários do Campus de Cajazeiras, em especial à Dona Marta, pela inenarrável disponibilidade em me ajudar durante todo percurso da graduação.

Aos meus amigos romeiros: Odair, Clenilda, Miuda, Nilson, Zefa, Gutierrez, Julia, Mundinha, Janileide, Rivanaldo e Valda, que me ensinaram que nos momentos difíceis devemos sempre seguir firme na fé.

Aos meus amigos: Gaby, Wesley, André, Jorge, Cristina, Rachel, Helder, Isaac e Cláudia.

Aos meus amigos de jornada acadêmica: Andressa, Edna, Erivan, Fernanda, Samara, Cléia, Luís, Paloma, Moisés, Akalyany e Helaine, muito obrigado pelos momentos de felicidade.

À minha segunda família: Cilmara, Bruna, Seu Antônio e Dona Maria, pela constante acolhida em vossa casa nos chuvosos momentos desse meu caminho acadêmico.

Por fim, aos meus pais Sebastião e Maria e às minhas irmãs Erivaneide e Erivanda.

## RESUMO

O presente trabalho investigou a cobertura fotográfica do Movimento das Diretas Já nas páginas da revista Veja durante seus 15 meses de atividade entre os anos 1983 e 1984. Buscou-se, especificamente, problematizar o uso da imagem fotográfica como condutor de uma mensagem para o público leitor da revista. Examinar a lógica do jogo político social nas tramas de cumplicidade em meio ao eferescente Movimento das Diretas Já, problematizando o processo de construção desse movimento mediante a importância do fotojornalismo no semanário. Abordou-se ainda a memória cristalizada da fotografia pública neste evento. Para tanto, o trabalho apoiou-se no acervo da revista Veja, a partir do qual foi possível averiguar os discursos, as construções e os valores empregados na edição da revista, em especial através do uso da fotografia.

**Palavras-chave:** Fotografia. Imprensa. Diretas Já. Revista Veja.



## ABSTRACT

This work investigated the photographic coverage of the *Movimento Diretas Já* in the *Veja* magazine during its 15 months of activity between 1983 and 1984. The aim was, specifically, to discuss the use of the photographic image as a conductor of a message to the magazine's reader public. Examine the logic of social political game in complicity plots at the effervescent *Movimento Diretas Já*, questioning the process of construction of this movement by the importance of photojournalism in the weekly. It also addressed the crystallized memory of the public photograph in this event. To do this, the work relied on the *Veja* magazine's collection, from which it was possible to ascertain the speeches, the buildings and the values used in the edition of the magazine, in particular through the use of photography.

**Keywords:** Photography. Press. *Diretas Já*. *Veja* magazine.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Capa da primeira edição da revista Veja.....	18
<b>FIGURA 2:</b> Capa da revista Veja com o presidente militar Artur da Costa e Silva no Congresso Nacional.....	19
<b>FIGURA 3:</b> Capa da revista Veja com destaque sobre as Diretas Já na Praça da Sé/SP.....	23
<b>FIGURA 4:</b> Capa da revista Veja com destaque sobre as Diretas Já na Av. Presidente Vargas/RJ.....	23
<b>FIGURA 5:</b> Fotografias do Movimento Diretas Já no centro de Curitiba/PR.....	28
<b>FIGURA 6:</b> Fotografias do Movimento das Diretas no centro de Curitiba/PR.....	28
<b>FIGURA 7:</b> Imagem do Governador de São Paulo, Franco Montoro, e o jurista Sobral Pinto.....	41
<b>FIGURAS 8 E 9:</b> Imagens da manifestação promovida por artistas em frente ao Teatro Municipal de São Paulo e fotografia do vice-presidente Aureliano Chaves, almoçando com políticos.....	43
<b>FIGURAS 10 E 11:</b> Fotografia do deputado federal Gerson Peres colhendo assinaturas dos seus correligionários contra as Diretas Já e fotografia do senadores José Sarney e Dinarte Mariz, ambos contemplando as 26 assinaturas dos colegas parlamentares contra as Diretas.....	45
<b>FIGURAS 12 E 13:</b> Fotografia do Ministro Chefe de gabinete da Presidência Leitão de Abreu junto de colegas do partido PDS e fotografia da manifestação ocorrida no Estádio do Pacaembu/SP.....	47
<b>FIGURA 14:</b> Imagem do comício no centro de Curitiba - Rua das Flores (boca maldita).....	50
<b>FIGURA 15:</b> Fotografia da multidão na Praça da Sé em São Paulo.....	55
<b>FIGURAS 16 E 17:</b> Fotografia dos políticos e figuras públicas presente no comício da Praça da Sé e fotografia da multidão que estavam presente no mesmo comício da Sé.....	57
<b>FIGURAS 18 E 19:</b> Imagens da multidão na Praça da Sé .....	58
<b>FIGURAS 20, 21 E 22:</b> Imagem da <i>socialite</i> Bárbara Gancia, e imagens do projetista Rui Pinho.....	59
<b>FIGURAS 23, 24 E 25:</b> Fotografia da multidão na Praça Almirante Tamandaré, Camboriú/SC, fotografia da multidão na Praça Municipal em Salvador/BA, e fotografia do deputado peemedebista Miguel Arraes discursando para a multidão presente em Olinda/PE.....	61
<b>FIGURA 26:</b> Fotografia do deputado Dante de Oliveira e senador Moacir Dalla.....	63

<b>FIGURA 27:</b> Fotografia da multidão presente no comício das Diretas Já no Rio de Janeiro.....	64
<b>FIGURA 28:</b> Fotografia do comício em Belo Horizonte/MG.....	65
<b>FIGURAS 29, 30 E 31:</b> Estudantes de medicina vestidos de palhaço, cantora Simone, Neguinho da Beija-Flor ao lado de Osmar Santos.....	67
<b>FIGURA 32:</b> Fotografia do desfile da escola de samba Caprichos de Pilares.....	68
<b>FIGURA 33:</b> Multidão no comício do Rio de Janeiro.....	71
<b>FIGURA 34:</b> Ilustração do caminho percorrido pela caravana das Diretas Já.....	77
<b>FIGURAS 35 E 36:</b> Fotografia de Fernando Henrique Cardoso, Fafá de Belém e Mauro Covas. Cantora Fafá de Belém no comício em Olinda/PE.....	79
<b>FIGURAS 37, 38 E 39:</b> O locutor Osmar Santos na capa da revista Veja. Osmar sendo fotografado no palanque. Osmar junto com a multidão em São Paulo. Osmar no carnaval da Bahia.....	80
<b>FIGURAS 40 E 41:</b> Deputado Ulysses discursando num palanque. O mesmo deputado fazendo as malas.....	83

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I - FOTOJORNALISMO: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO II - O MOVIMENTO DAS DIRETAS JÁ E A COBERTURA FOTOGRAFICA DA REVISTA VEJA.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO III - DIRETAS JÁ: UMA NARRATIVA FOTOGRAFICA.....</b>	<b>75</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>FONTES E REFÊRENCIAS.....</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

A democracia em que vivemos hoje nem sempre foi possível, foram árduas lutas para podermos conquistar o direito de escolha outrora usurpado pelo golpe militar (1964-1985). Durante esse período surge no Brasil um movimento suprapartidário<sup>1</sup>, ou seja, que estava acima de qualquer ideologia política de um grupo específico. Políticos, organizações cívicas e entidades religiosas buscavam juntos reestabelecer a democracia no Brasil. Lutavam pelo direito de escolher o presidente do país de forma democrática. Assim, no ano de 1983, surge no Brasil o Movimento das Diretas Já.

Esse movimento foi retratado no Brasil por diversos meios de comunicação, entre eles a revista Veja. Este semanário fez uma cobertura jornalística de empatia expressiva com o Movimento das Diretas. Durante este período, foi feita uma cobertura jornalística buscando sensibilizar a população através de fotografias marcantes com forte apelo emocional, estabelecendo laços de cumplicidade com o movimento.

As multidões nas ruas lutando pelo “direito de votar para presidente” chamaram a atenção da mídia, não somente por reivindicar eleições diretas, mas por estarem protestando contra a insatisfação do sistema militar implantado no Brasil, mediante o golpe de 1964. Se o Movimento das Diretas Já tivesse conseguido pressionar o Congresso Nacional a aprovar a Emenda Dante de Oliveira (a popular emenda das Diretas), chegaria ao fim o círculo de presidentes militares eleitos pelo Colégio Eleitoral. Logo, por mais que nos anos de 1983-1984, anos do recorte temporal desta pesquisa, a abertura política tivesse avançado, ainda estávamos em pleno período militar. Este período é marcado pelo antagonismo aos levantes cívicos que questionaram as diretrizes desse governo.

Desta forma, procuramos analisar como o Movimento das Diretas Já foi representado nas páginas da revista Veja por meio das fotografias. Para isto, focamos a pesquisa num minucioso olhar sobre as imagens, como estas foram concebidas, agrupadas e enquadradas em suas páginas. Para tanto, utilizamos também os textos jornalísticos que foram ancorados nas fotografias. Logo, problematizar a cobertura fotográfica de uma revista com grande circulação nacional é compreender o papel da

---

<sup>1</sup> Aplica-se a palavra suprapartidário ao Movimento das Diretas Já neste trabalho, porque compreendemos na ideologia deste movimento um bem comum a todos ao buscar o fim da ditadura militar.

fotografia pública como transmissor de uma mensagem que dá “visibilidade às estratégias de poder, ou ainda, às disputas de poder” (MAUAD, 2013, p. 03).

Assim, nossa pesquisa buscou contribuir com as inquietações existentes mediante a representação da fotografia em um veículo de comunicação de massa que representou em suas páginas um movimento capaz de simbolizar em ações e práticas coletivas a mobilização e conscientização política no Brasil.

Na cobertura fotográfica, heróis são construídos. Quem são esses heróis? Quais são os lugares mais retratados? Quais cidades sediavam os grandes comícios das Diretas? Quem são os políticos e as figuras públicas que o semanário estampa em suas páginas? Quais as organizações religiosas e sindicais que participaram? Como se desenvolveram as tramas de interesses neste jogo?

Para tanto, analisamos minuciosamente as edições da revista que chegavam para o leitor, e de que forma a Editora Abril foi construindo em suas 75 edições a imagem do Movimento das Diretas Já ao longo de 15 meses. Mediante esse total de edições, catalogamos 71 imagens, das quais fizemos descrições referentes à imagem em seu contexto. Tudo isso foi possível graças à disponibilidade do acervo *on-line* da revista.

Para descrevermos as fotografias aqui apresentadas utilizamos o método de análise empregado pelo fotógrafo, pesquisador e historiador, Boris Kossoy. Segundo este, a fotografia pode ser descrita mediante a *análise iconográfica* e a *interpretação iconológica*. A primeira busca elencar os elementos formativos da imagem, e a segunda analisa os elos da cadeia de fatos que geraram a fotografia em sua superfície plana de aparências.

Tendo em vista todas essas questões acima abordadas, organizamos o presente trabalho em três capítulos distintos. No primeiro capítulo, “**Fotojornalismo: produção e circulação**”, analisamos o caminho percorrido pela imagem fotográfica, mediante suas transformações tecnológicas e culturais, e o período de surgimento da revista. Problematicamos ainda a fabricação da imagem e sua exposição em diversos pontos de vendas.

No segundo capítulo, “**O Movimento das Diretas Já e a cobertura fotográfica da revista Veja**”, fizemos uma abordagem da trajetória da Emenda Dante de Oliveira, discutindo seu surgimento mediante interesses políticos. Para tanto, foi de suma importância analisar o livro “Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura”, de Leonelli

& Oliveira (2004). Por fim, mediante o acervo fotográfico que catalogamos, foi possível problematizar como a linha editorial da revista *Veja* retratou o Movimento das Diretas Já através das fotografias e como a revista representou esse movimento para seu leitor, usando as imagens fotográficas como “testemunha verídica” dos eventos.

No terceiro capítulo, “**Diretas Já: uma narrativa fotográfica**”, tratamos de refletir sobre a memória cristalizada pelo Movimento das Diretas nas páginas da revista *Veja*. Assim, procuramos observar de que forma a narrativa do episódio, por meio da fotografia, oferece possibilidades de interpretação, relacionadas à identidade e à cultura política brasileira.

## CAPÍTULO I

### FOTOJORNALISMO: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO

A fotografia possibilita a representação do mundo por meio de uma superfície plana. A captação da imagem fotográfica passou por diversos processos tecnológicos desde seu surgimento. Seu valor como fonte documental gerou debates nos meios midiáticos e acadêmicos mediante os diversos acontecimentos da história contemporânea. Quaisquer que sejam estes acontecimentos, a imagem fotográfica estará presente como fator marcante de um registro que em instantes pode produzir uma imagem capaz de ser apresentada em diversos cantos do mundo gerando reflexão, comoção e diversos tipos de sentimentos. Nos dias atuais, o fotojornalismo ganhou mais força ao ser associado aos diversos meios de comunicação que incorporam em si a agilidade da informação. Um exemplo da força do fotojornalismo é a imagem do menino sírio, Aylan Kurdi, que foi encontrado morto numa praia da Turquia e virou símbolo da crise migratória instalada em países do Oriente Médio. A agilidade na divulgação da fotografia captada em instantes representando uma forte cena provocou debates em diversos cantos do mundo e pressionou os países do bloco europeu e os Estados Unidos a tomarem medidas para acolherem esses civis refugiados de guerras reacionárias em seus países.

Em meio a essas possibilidades, neste capítulo abordaremos a trajetória da fotografia e seus diversos processos de transformação tecnológica e cultural. Analisaremos ainda o contexto de surgimento da revista *Veja* e seu estilo editorial. Refletiremos sobre o caminho de produção e seleção da imagem jornalística apresentada no semanário durante o período do Movimento das Diretas Já (1983-1984).

A imagem fotográfica tem o poder de congelar em sua superfície bidimensional fragmentos que nos auxiliam na construção da história, nos ajudando a contemplar os acontecimentos do mundo em seu espaço e tempo; a observar a construção e o desenvolvimento da memória de um povo sobre a superfície plana da imagem e a compreender o passado através do suporte da iconografia, mediante os inventários de informações contidas na imagem. Estas são algumas características abarcadas e inseridas no testemunho visual de aparências esboçadas na fotografia.



Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma íntima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugida de um instante da vida que flui ininterruptamente (KOSSOY, 2001, p.156).

Para tanto, a fotografia é um objeto único, singular, excepcional. Capaz de retratar em sua superfície portátil sentimentos distintos como amor e ódio. É um instrumento que coroa o texto que a descreve. Segundo Ana Maria Mauad (1995), podemos compreender a fotografia como testemunha da existência da realidade a partir da contextualização da técnica fotográfica como resíduo da realidade sensível impressa na imagem.

Como não existe “inocência” na construção e produção de uma imagem, temos de ter o cuidado de analisar os fatores influenciadores de fabricação da fotografia. Segundo Boris Kossoy (2001), esses fatores são: *a eleição do espaço, tratamento estético e organização visual*. Em suma, devemos interrogar e considerar na fotografia os fatores que influenciaram o seu resultado final: a fotografia compactada em determinada superfície.

Os fatores técnicos e mecânicos aperfeiçoados e desenvolvidos pelo advento da Revolução Industrial impulsionaram o desenvolvimento científico mediante as transformações econômicas, sociais, culturais e uma série de novas invenções que foram promovidas na história moderna. É neste contexto que surge a fotografia.

De acordo com Boris Kossoy (2001), a notória aceitação da fotografia na década de 1860 propiciou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais que investiram pesado em pesquisa e produção de equipamentos. Ainda segundo o autor, com o aperfeiçoamento da fotografia no século XIX, o registro fotográfico das transformações da sociedade ganhou notoriamente grande impulso.

Com a fotografia, o mundo passou a ser mais familiar. A imagem proporcionou um novo impacto na descrição e aprendizagem do espaço geográfico. Com o crepúsculo das inovações e transformações do século XX, a fotografia foi se aperfeiçoando em precisão e agilidade, o mundo passou a ser visto de forma portátil e ilustrada. Os

receptores da fotografia viam nela a “expressão da verdade”, a história ganha um reforço documental.

Conforme atesta Ana Maria Mauad (1995), a fotografia surgiu oficialmente na década de 1830, com a junção de engenho, de técnica e de oportunidade de Louis Daguerre e Joseph Niépce.

Segundo Lourenço Cardoso (2009), a data oficial da criação fotográfica desenvolvida pelos dois inventores é marcada pela apresentação da imagem na Academia de Ciências de Paris em 1839.

Do surgimento da fotografia aos tempos atuais, a imagem fotográfica passou por diferentes formas de tratamento. Sustentou nos últimos anos debates e reflexão acerca do seu alcance como fonte de um objeto de estudo. É através do registro do fotojornalismo reproduzido na revista *Veja* que problematizaremos uma narrativa sobre o Movimento das Diretas neste semanário.

Existe na imprensa jornalística uma trama de interesses, uma relação entre a imagem e produção. Numa revista influente e de forte circulação como a *Veja*, a cobertura jornalística está diretamente ligada à política, à economia, ao meio social e cultural. Focada na estrutura mercadológica composta por anunciantes que exercem certa influência na edição da revista, podendo, assim, interferir em seu conteúdo. Logo, matérias atraentes, que levem o público leitor a associar certas marcas anunciadas na revista a um estilo de vida, deixam o anunciante satisfeito. E os contratos com os anunciantes são fundamentais para manter a produção de uma revista.

Buscando seguir esses padrões existentes na imprensa, a revista *Veja* é lançada no dia 11 de setembro de 1968 pela Editora Abril. Após estagiar na revista americana *Time*, o herdeiro da Abril, Roberto Civita, traz a proposta de um semanário ilustrado nos moldes das revistas americana *Life* e *Time*. A ideia da *Veja* era conquistar a sua fatia do mercado jornalístico de semanários no Brasil, já consolidado por revistas como: “O Cruzeiro” e “Manchete”. Assim, Victor Civita, dono do grupo Abril, apostou no projeto do filho Roberto Civita. E *Veja* é lançada<sup>2</sup> em pleno período militar com título “*Veja e leia*”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> O projeto facção foi responsável pelos 14 pilotos de *Veja* que serviram de teste para o modelo almejado da revista. Iniciou em 1959, nove anos antes do lançamento da publicação da *Veja* (AUGUSTI, 2005, p. 71).

<sup>3</sup> A primeira capa da *Veja* trazia os símbolos do comunismo, a foice e o martelo, sobre um fundo vermelho com a chamada: “O grande duelo no mundo comunista”, tratando o tema a partir da invasão da



**FIGURA 1:** Primeira edição da revista “Veja e Leia” (revista Veja). Edição nº 01, publicada em 11 de setembro de 1968. Não foi creditado o autor da imagem.

Desde seu lançamento, a revista *Veja* esteve focada no uso da imagem para valorização do noticiário. De acordo com Maxlander Dias (2009), as primeiras edições do semanário passaram por dificuldades, uma vez que a classe jornalística comparava a *Veja* com a revista *Time* e taxava a revista brasileira de cópia. Como se não bastassem as críticas jornalísticas e a baixa receptividade do público leitor em 1968, o governo militar de Costa e Silva publica o AI-5. O ato institucional instituiu o monitoramento e censura de todas as notícias e demais matérias consideradas subversivas. Em suma, estava instaurada a censura aos meios de comunicação, fato este que prejudicaria uma revista recém-chegada no mercado com idealização de voos mais altos em sua abordagem editorial.

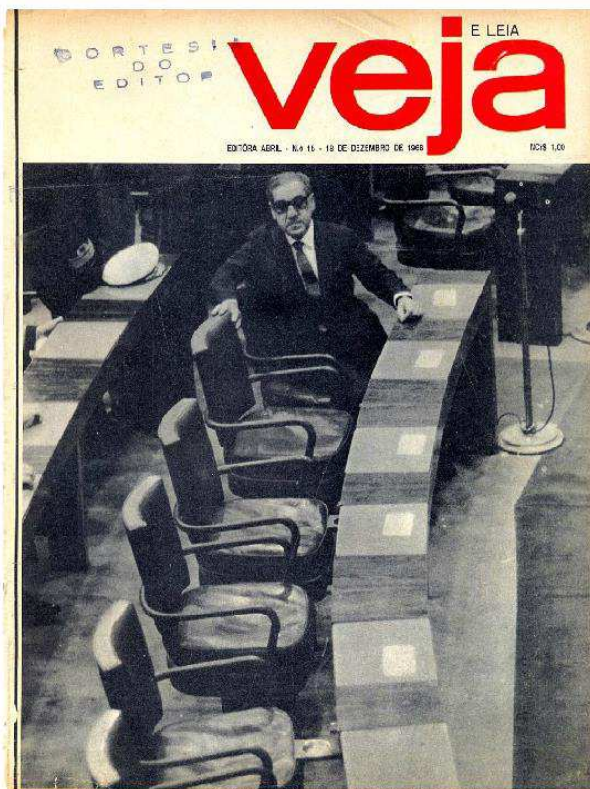
Não estamos afirmando que a ditadura militar foi o algoz de *Veja*, porém, a censura imposta neste período dificultou de certa forma a linha editorial da revista recentemente fundada que buscava construir sua identidade e se destacar nas bancas frente às suas concorrentes. No trecho abaixo, da carta do editor, a revista *Veja* declara:

---

Tchecoslováquia pelo pacto de Varsóvia que aconteceu em agosto de 1968. O título da matéria principal era “Rebelião na Galáxia Vermelha” (AUGUSTI, 2005, p. 73).

... Na sexta, entretanto, a capa mudou de novo: nas primeiras horas da manhã, as sucursais do Rio de Janeiro e Brasília antecipavam que o governo provavelmente iria reeditar alguns dos atos institucionais promulgados a partir de abril de 1964. Após examinar uma série de alternativas, concluiu-se que uma foto do ex-presidente Castelo Branco seria a ilustração indicada para uma reportagem de capa focalizando a retomada do processo revolucionário. Finalmente, as implicações do Ato Institucional nº 5, baixado na noite de sexta-feira, nos levaram - sábado à tarde - a mudar a capa pela quarta vez. (Revista Veja/Carta ao Leitor, edição 15, pág. 15, de 18 de dez. 1968).

Conforme atesta Alexandre Rossato Augusti (2005), em 13 de dezembro de 1968 um coronel se apresentou a Roberto Civita para censurar a revista pela capa da edição da semana seguinte. Nesta capa a Veja traria uma foto do presidente militar Costa e Silva sozinho no Congresso após o fechamento do órgão público pelo presidente militar. Civita apresentou a foto e se comprometeu a não escrever nada na capa, por temer o veto. Posteriormente, a distribuição do semanário foi apreendida nas bancas.



**FIGURA 2:** Presidente militar Artur da Costa e Silva no Congresso Nacional após o fechamento do órgão. Capa da revista Veja, edição de nº 15, publicada em 13 de dezembro de 1968. Não foi creditado autor da fotografia.

Com a censura e a fiscalização aos órgãos de comunicação, o trabalho da *Veja* ficava comprometido, e assim, a tiragem da revista ficou prejudicada. Cabe aqui ressaltar a força da imagem como instrumento de divulgação, capaz de representar as mais distintas cenas ou acontecimentos que ocorrem no mundo. Mesmo sem legenda na capa, a *Revista* foi censurada pelos militares por descrever de forma visual uma imagem que podia ser descrita por mil palavras, desde que tenhamos essas palavras para descrevê-la. O leitor da *Veja* provavelmente poderia relatar a imagem de forma mais contundente, auxiliado pelas matérias que recheavam as seções da revista.

Segundo Alexandre Augusti (2005), a campanha publicitária de lançamento da *Veja* foi gigantesca e já na primeira edição o semanário saiu com 700 mil exemplares, mas, gradativamente, os números começaram a cair, chegando em 1972 a uma pífia tiragem de 40 mil exemplares. Apesar dos baixos números de produção nas edições seguintes e da demissão de jornalistas, o Grupo Abril estava preparado para sustentar financeiramente a defasagem econômica gerada pela revista. Neste período, a estrutura gráfica da Abril se encontrava consolidada com um sólido orçamento financeiro. Além disso, a experiência com a revista *Realidade*<sup>4</sup> propiciou ao Grupo Abril as mudanças necessárias para alavancar a linha editorial da *Veja*.

Aos poucos a *Veja* começou a mudar. O diretor de redação da revista, Mino Carta, acrescentou às páginas da revista resenhas de filmes e livros; acrescentou seções de humor e colocou na revista a famosa entrevista das “páginas amarelas”<sup>5</sup>. Talvez esta última seção seja a maior marca simbólica de *status* do estilo *Veja*. Mediante essas mudanças, a revista conseguiu crescer na tiragem semanal, porém, somente em 1973 o semanário passou a cobrir seus custos.

Gradualmente a *Veja* foi navegando entre a censura e as notícias da disputa militar pelo poder. O semanário foi consolidando sua marca jornalística, trazendo reportagens exclusivas que chegavam a ser produzidas durante dois meses de investigação e análise; além de apresentar fotografias em cores que poderiam ocupar de

---

<sup>4</sup> “*Realidade*” foi uma revista brasileira lançada pela editora Abril em 1966. Circulou até janeiro de 1976. Apresentava características inovadoras para a época, com matérias em primeira pessoa, fotos que deixavam perceber a existência do fotógrafo e design gráfico pouco tradicional. Destacou-se também por suas grandes reportagens, permitindo que o repórter ‘vivesse’ a matéria por um mês ou mais, até a publicação. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Realidade\_(revista)>. Acesso em: 14/08/2014.

<sup>5</sup> A famosa seção de “páginas amarelas” surgiu por conta do estoque de papel amarelo excedente na gráfica, mediante o sucesso desta seção e esgotamento do amarelo excedente, a *Veja* começou a colorir as páginas destinadas à entrevista (AUGUSTI, 2005, p. 73).

uma a duas páginas do semanário, esse estilo editorial trazia para a cobertura da *Veja* as mais relevantes que as matérias diárias dos jornais. Assim, a revista vai descobrindo sua própria fórmula de fazer jornalismo e entretenimento.

Conforme atesta Daniella Villalta (2002), a publicação do semanário foi se aprimorando, ganhando força e garantindo espaço permanente nas bancas de jornal e na preferência da classe média brasileira, que a elegeu como arauto da intelectualidade no país.

Em dezembro de 1975, houve uma mudança na condução editorial da revista com a saída de Mino Carta, por conta de pressões políticas e por decisão de Victor Civita, que almejava conseguir empréstimos para a construção de hotéis. A alta cúpula militar do governo de Ernesto Geisel não via e nem digeriria o estilo editorial de Mino. De acordo com Alexandre Augusti (2005), a liberdade editorial e o forte estilo em apurar os fatos contribuíram para a saída de Mino Carta<sup>6</sup>. Ainda segundo o mesmo, o diretor da *Veja* sempre buscava ampliar os limites do que a revista podia publicar sobre a censura. Após a saída de Mino, José Roberto Guzzo e Sérgio Pompeu assumem a direção da revista *Veja*.

Nos anos de 1983 e 1984, recorte temporal analisado neste trabalho, o editor chefe continua sendo José Roberto Guzzo, e o diretor adjunto, Élio Gaspari; redator chefe, Augusto Nunes, e demais editores<sup>7</sup>. O recorte temporal analisado traz uma *Veja* consolidada e influente entre seus leitores. Entre os anos 1983 e 1984, a *Veja* ultrapassa a tiragem de 500.000 exemplares semanais, com uma atuação em nível nacional e já configurada como uma grande revista jornalística.

O público consumidor da *Veja* naquele período estava situado entre as classes A e B, ou seja, entre um público leitor mais abastado, com níveis de educação e consumo elevados. Isso não significa que o semanário não tinha leitores na classe C, já que a revista estava disponível em duas formas de aquisição: para o leitor assinante ou o leitor avulso. A primeira forma de consumo citada se enquadra melhor na classe A e B, enquanto a segunda abarca melhor o leitor “independente”, aquele que compra a edição do semanário de acordo com interesses em determinadas matérias retratadas na revista,

---

<sup>6</sup> Ao sair da linha editorial da *Veja*, Mino Carta fundou em 1976 a revista “*Isto É*”, uma das principais concorrentes da revista *Veja*, além de ser também um dos idealizadores da revista *Carta Capital* (AUGUSTI, 2005, p. 75).

<sup>7</sup> Informação extraída da própria revista *Veja*.

em especial, a matéria de capa. As duas primeiras classes são mais fiéis ao consumo do semanário por despontar como seus principais assinantes.

Uma revista jornalística do nível da *Veja* traz em si uma gama de informações divididas em seções para seus leitores em diversos segmentos, como já elencamos, porém sua força jornalística é seu maior alicerce editorial.

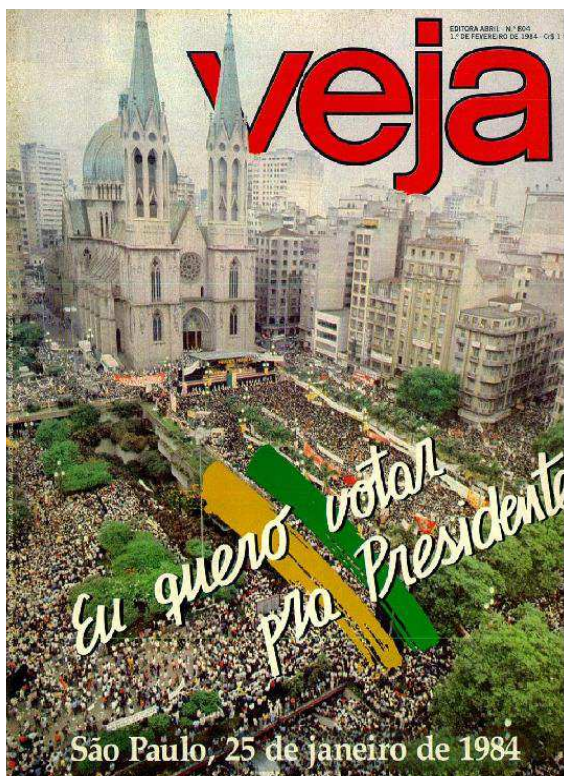
Dentro desta perspectiva, como veículo de comunicação e formador de opinião, as matérias ilustradas pelas imagens trazem em si uma série de significados ao leitor ou apreciador das fotografias impactantes. Em um país onde a taxa de analfabetismo<sup>8</sup> na década de 1980 atingia 25% de sua população acima dos 15 anos, uma fotografia impactante do Movimento das Diretas Já, em destaque nos pontos de vendas ou passada de mão em mão por formadores de opinião, gerava forte apelo social independente do nível educacional do receptor. Não podemos esquecer que a informação apresentada ao leitor pode ser aplicada e difundida por este a diversos outros. Já que a fotografia tem poder de coroar o momento do acontecimento, os editores da *Veja* procuraram explorar a força dessas imagens. Uma fotografia de capa bem trabalhada chama atenção do leitor, além de causar impressão no meio jornalístico.

O enquadramento das duas fotografias abaixo demonstram claramente que a revista *Veja* utilizou a imagem da multidão nas ruas para impressionar o leitor.

A primeira figura é a capa da *Veja* de 1º de fevereiro de 1984, com uma tiragem de 528.000 exemplares, a segunda capa é de 31 de abril do mesmo ano com uma tiragem de 540.200 exemplares. Sendo a primeira uma fotografia produzida pelo fotógrafo Carlos Fenerich e a segunda pelos fotógrafos Carlos Namba e Orlando Brito. Ambas são utilizadas em montagens feitas pela revista para estampar a capa, e trazem uma narrativa sobre o evento histórico das Diretas Já.

---

<sup>8</sup> Dados extraídos de: SOUSA, Marcelo Medeiros. O analfabetismo no Brasil sob o enfoque demográfico. *Cadernos de Pesquisa*, nº 107, p. 169-186, julho/1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a07.pdf>>. Acesso em: 11/09/2014.



**FIGURA 3:** Movimento Diretas Já na Praça da Sé/SP. Revista Veja, edição de nº 804, publicada em 1º Fevereiro de 1984. Fotógrafo: Carlos Fenerich.



**FIGURA 4:** Movimento das Diretas Já na Av. Presidente Vargas/RJ. Revista Veja, edição de nº 815, publicado em 31 de abril de 1984. Fotógrafos: Carlos Namba & Orlando Brito.

Essas duas imagens de capa da revista *Veja* não são apenas para apreciação do leitor, elas foram estampadas em diversos pontos de venda, permanecendo visíveis a todos que se utilizavam destes espaços, e por isso é importante ressaltarmos que os pontos de venda de jornais e revistas sempre estão situados em locais de grande circulação de pessoas. As fotografias retratam a multidão na Praça da Sé em São Paulo e no centro do Rio de Janeiro.

Como havíamos falado anteriormente das características que presentes na fotografia, é necessário refletir sobre a imagem como produtor visual que atinge milhares de pessoas a todo o momento, construindo nesses indivíduos reações diversas de ordem sentimental. “Sensações que são produzidas nos indivíduos durante todo o processo de decodificação e interpretação de seus significados e, assim, mobilizam reações particulares neste [...]” (CARDOSO, 2009, p. 14).

Considerando as características próprias da fotografia, problematizamos em nosso trabalho o significado destas na cobertura do Movimento das Diretas Já nas



páginas da revista *Veja* a partir do método de análise apresentado por Boris Kossoy (2001), que se pauta na *análise iconográfica* e na *interpretação iconológica*.

Segundo o mesmo, a *análise iconográfica* tem o intuito de detalhar sistematicamente os elementos formativos da imagem com seus aspectos literal e descritivo. Já a *interpretação iconológica* advém da síntese e da análise interpretativa ao se debruçar numa incursão mais profunda na cena representada, que só será possível se o fragmento visual for compreendido em sua interioridade. Para tanto, é necessário um conhecimento sólido da problemática trabalhada em seu contexto histórico.

Em nossa pesquisa não nos prendemos apenas ao conteúdo da revista *Veja*, mas também ao momento histórico do Movimento das Diretas Já. Para a análise e interpretação, utilizamos como auxílio referências daqueles que esboçaram estudos e interpretações sobre o contexto trabalhado. Assim, mergulhamos na obra literária de autores que se dedicam a esse período de nossa história. Logo, buscamos produzir através das fotografias a história do Movimento das Diretas Já representada na cobertura fotográfica da revista *Veja*, porém, confrontada entre os seus limites enquanto produto visual e historiográfico deste período.

Assim, mediante o método abordado em nossa pesquisa, as duas imagens acima retratadas serão analisadas e interpretadas com riqueza de detalhes no segundo capítulo.

O interesse em esmiuçar o Movimento das Diretas Já através da cobertura fotográfica de *Veja*, nasceu no desejo de compreender a história deste movimento sobre a superfície bidimensional ilustrada por uma revista de forte circulação e com uma identidade sócio-política.

Para compreendemos esse movimento, a imagem é de suma importância. Como já afirmamos, a fotografia é capaz de coroar um momento histórico. Ela é capaz de nos fazer recordar e interrogar o tempo passado registrado em sua superfície bidimensional. Ela é guardiã do tempo que outrora passou, é detentora de uma realidade visual invejável por expressar em si uma cronologia com ampla riqueza de detalhes.

Conforme atesta Ana Maria Mauad (1995), o olhar lançado sobre uma fotografia é quem determina os significados da imagem. Para não ficarmos presos na descrição convencional é necessário compreendermos e dialogarmos com o meio social e as competências que produziram a fotografia. Neste ponto, Mauad e Baxandall expressam ideias semelhantes sobre os significados visuais do olhar que contempla a imagem. Os

autores classificam o olhar de contemplação como o juiz de valor da imagem. No fotojornalismo não é diferente: a imagem estampada na capa e nas páginas da *Veja* trazem um juízo de valor que busca ser decodificado pelo leitor.

Após sua produção, a fotografia continua seu itinerário podendo ganhar novas interpretações mediante sua história e seus significados. Isso faz da imagem testemunha documental assídua, ou seja, testemunha presente no processo de conhecimento da sociedade.

O agente responsável pela produção da imagem fotográfica é o fotógrafo. A ele é dado o “poder” de registrar as intempéries do mundo que o cerca.

A eleição de um aspecto determinado - isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõe o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural (KOSSOY, 2001, p.42).

O documento fotográfico, após ser concebido, se torna o registro visual, a atitude do fotógrafo diante da realidade. A ideologia do fotógrafo acaba transparecendo nas imagens produzidas por esse agente. Ainda segundo Boris Kossoy (2001), a abordagem cultural, a sensibilidade e a criatividade do produtor da imagem são de suma importância. A junção e sintonia do *fotógrafo-câmara-assunto* garante a qualidade do produto final à fotografia. A imagem fotográfica traz em si um fragmento do passado.

No presente trabalho, o conjunto de 71 fotografias<sup>9</sup> observadas tem ação do *click* fotográfico de 15 fotógrafos da *Veja* e de 09 agências de informação jornalísticas<sup>10</sup> que cederam os direitos de imagem ao semanário.

De acordo com o fotógrafo de *Veja*, Rogério Reis, “o uso da imagem em jornal é limitado ao contexto noticioso e não poderia ser de outra forma”<sup>11</sup>. A imagem é

---

<sup>9</sup> Para a análise da cobertura da revista *Veja* sobre o Movimento das Diretas foram analisadas 71 figuras no total, todavia, neste trabalho, por uma questão de escolha metodológica, 41 figuras foram selecionadas por contribuírem de forma mais categórica para esta pesquisa.

<sup>10</sup> Folha de S. Paulo, Jornal O Globo, Agência O Globo, Jornal do Brasil. Três fotografias não trazem seus autores ou instituição que detêm os direitos. A edição 802 de 18 de janeiro de 1984 foi produzida pela Arte Nova Filmes. E a capa da edição 810 de 14 de março de 1984, estampada com o locutor Osmar Santos foi produzida pelo fotógrafo das “estrelas” J.R. Duran.

<sup>11</sup> Entrevista concedida ao blog digiforum. Disponível em: <<http://digiforum.com.br/viewtopic.php?t=84897>>. Acesso em: 02/09/2014.

selecionada por diversos fatores de interesses referentes à política editorial do veículo de comunicação.

Em meio a uma cobertura jornalística, diversas fotografias são produzidas por esses profissionais, porém nem todas serão publicadas nas páginas do veículo de comunicação. A imagem que ilustra a matéria influencia ativamente na construção da notícia e, dessa forma, busca legitimar a realidade noticiada no texto jornalístico. A eleição da imagem que estampará as páginas de uma revista jornalística como a *Veja* passa por diversos olhares, desde o primeiro olhar do fotógrafo ao do chefe da redação. Como já citamos, existe uma conjuntura de poder: político, econômico e social. O conteúdo de uma revista dialoga com esses meios antes de chegar ao leitor.

Nos anos 1983-1984, datas do recorte temporal da presente pesquisa, já tinha sido revogado o ato institucional AI-5<sup>12</sup> no governo militar de Ernesto Geisel, e a lei da anistia<sup>13</sup> foi aprovada em 1979 no governo militar de João Figueiredo. A presente lei concedia o perdão para crimes políticos ocorridos entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979. Assim, nos anos 80, a abertura política começa a avançar. Com o fim do AI-5 a imprensa pôde expressar-se de forma mais livre sem a fiscalização rigorosa dos militares.

Ainda segundo Rogério Reis, o papel do fotógrafo se configura nas redações de acordo com a cultura de cada órgão de imprensa, do ambiente, e principalmente do posicionamento do profissional. Há uma convergência de técnicas e interesses que permeiam a imagem estampada em uma revista ou jornal.

Cobrir Diretas Já foi talvez a minha maior participação cívica como fotojornalista. Quando pisei na Av. Presidente Vargas no Rio e na Praça da Sé em SP com um milhão de pessoas querendo votar para presidente me conscientizei que o povo, como diz a letra da música do Geraldo Vandré, pode fazer a hora e não esperar acontecer. Nesse momento não havia mais censura dos militares e tanto a redação da *Veja* como a do JB onde trabalhei durante o processo das diretas viviam um bom momento de liberdade editorial. Mas ainda havia uma herança maldita: grupos de comunicação

---

<sup>12</sup> O ato institucional foi revogado em 13 de outubro de 1978 no governo militar do presidente Ernesto Geisel.

<sup>13</sup> O Projeto de Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979, no artigo 1º dizia-se o seguinte: É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexo com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm)>. Acessado em: 01/02/2015.

comprometidos com a ideologia e interesses econômicos da recente ditadura (Rogério Reis. Entrevista concedida ao blog digiforum<sup>14</sup>).

Mesmo a fotografia eclodindo, em muitos casos, de um desejo individual do fotógrafo ou de um órgão de imprensa como a *Veja*, a imagem não pode ser interpretada como um registro factual. Os efeitos impregnados na fotografia devem ser explorados. A declaração de Rogério Reis atesta o que já tínhamos citado sobre a imagem “convitativa” da *Veja* ao seu leitor. A fotografia do Movimento das Diretas Já na *Veja* é construída a partir de uma psicologia romântica, política e cívica. “Neste sentido o tema é captado através de uma ‘atmosfera’ cuidadosamente arquitetada; imagens onde a informação se vê registrada dentro de uma preocupação plástica [...]” (Kossoy, 2001, p.48). Teria a *Veja* retratado fielmente o Movimento das Diretas Já de forma romântica? O movimento seria impregnado de ideologia no qual a força e o desejo de uma multidão jamais foram vistos no Brasil com tamanha expressão?

Um movimento com tamanha dimensão busca seu herói, ou seriam seus heróis?

A partir do primeiro grande ato público ocorrido no Centro de Curitiba, esse cenário começa a se configurar dentro da edição da *Veja*. O semanário destaca diversas participações importantes no evento que tiveram à frente o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), e entre os destaques o deputado federal deste partido, Ulysses Guimarães. Segundo reportagem da *Veja*, o deputado fez um discurso eloquente na capital Paranaense. Na figura 05 temos a fotografia do momento do discurso de Ulysses em Porto Alegre, convidando todos para ir a Brasília derrubar a “bastilha”. Na frase o deputado paulista faz referência à tomada da Bastilha pelo povo na Revolução Francesa.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao blog digiforum. Disponível em: <<http://digiforum.com.br/viewtopic.php?t=84897>>. Acesso em: 02/09/2014.



**FIGURA 5:** Movimento Diretas Já no centro de Curitiba/PR. Revista Veja, edição de nº 802, publicado em 18 de janeiro de 1984. Fotógrafo: Adolpho Germachmann.

Os adjetivos e características atribuídos pela *Veja* em suas reportagens do Movimento das Diretas contribuiu para a construção dos “heróis”, ou melhor, definiu os personagens centrais deste evento suprapartidário.

A figura 4 deste capítulo traz o deputado federal Ulysses Guimarães com a seguinte legenda: “Diretas - um brado retumbante”. Ao fundo a multidão no centro do Rio de Janeiro, a figura do deputado é descrita na edição de capa do semanário com o substantivo “brado”, que significa grito, voz que se propaga de modo intenso e forte; e pelo adjetivo “retumbante”, que pode ser definido como aquele que provoca o som de grande repercussão. Aqui temos a configuração e a legitimação daquele que seria colocado como um dos ícones<sup>15</sup> das Diretas.

De acordo com o fotógrafo Orlando Brito<sup>16</sup>, um dos autores da capa da *Veja* na edição 815, de 31 de abril de 1984, o deputado federal Ulisses Guimarães talvez tenha

<sup>15</sup> SM. Utilizado no sentido Figurado. Algo ou alguém que se distingue ou simboliza determinada época, cultura, área do conhecimento; imagem ou ídolo. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/icone/>>. Acesso em: 03/09/2014.

<sup>16</sup> Orlando Brito nasceu em 08 de fevereiro de 1950, em Minas Gerais. Chegou a Brasília ainda menino, no início da construção da nova capital do Brasil, no finalzinho de 1956. Seu trabalho abrange os temas da política e da economia, questões sociais, da vida urbana e do interior, terras, índios, esportes e, enfim,

sido o personagem mais expressivo que ele encontrou em toda sua trajetória de fotojornalista, por refletir com sua fisionomia a gravidade de cada momento. Ainda segundo o fotógrafo, o deputado era um devoto da política democrática.

Talvez ele tenha sido o personagem mais expressivo que encontrei em toda minha trajetória de fotojornalista. Impressionante como sua fisionomia refletia a gravidade de cada momento. [...] Sempre digo que Ulysses não era uma simples imagem. Era a efigie de um grande líder (Orlando Brito)<sup>17</sup>.

Assim, podemos atestar a simpatia do fotógrafo Orlando Brito pelo trabalho do deputado paulista Ulisses Guimarães, bastando conferir a importância dada à figura política do deputado na capa da *Veja* ora citada.

Ainda se tratando da construção dos personagens centrais do Movimento das Diretas, nos falta falar da musa, aquela que seria a “menina dos olhos”: nas Diretas, a musa foi a cantora Fafá de Belém. Mas, o que fez essa musa nos eventos? Fafá cantava junto com a multidão o Hino Nacional e encantava ao cantar a música “Menestrel das Alagoas”<sup>18</sup> de composição de Milton Nascimento e Fernando Brant em homenagem ao senador alagoano do PMDB, Teotônio Vilela, que faleceu em 27 de novembro de 1983, vítima de câncer. Teotônio foi eleito senador pelo partido ARENA (Aliança Renovadora Nacional) em 1966, e no ano de 1979 rompeu com o governo de João Figueiredo, passando a ser oposição aos militares. O senador ajudou a fundar o PMDB e participou ativamente da busca pela redemocratização política até seus últimos dias de vida, tornando-se um dos ícones pela luta democrática.

De acordo com o fotógrafo Orlando Brito, Fafá de Belém era a pessoa próxima do pai da emenda das Diretas, o deputado Dante de Oliveira.

---

todos os assuntos. Fez inúmeras viagens por mais de 60 países, em coberturas presidenciais, papais e esportivas, como copas do mundo e jogos olímpicos. Disponível em: <<http://www.orlandobrito.com.br/>>. Acesso em: 03/09/2014.

<sup>17</sup> Declaração do fotógrafo Orlando Brito em seu próprio site. Disponível em: <<http://www.orlandobrito.com.br/>>. Acesso em: 03/09/2014.

<sup>18</sup> Música: *Menestrel das alagoas* (Compositores: Milton Nascimento e Fernando Brand) Quem é esse viajante/Quem é esse menestrel/Que espalha esperança/E transforma sal em mel?/ Quem é esse saltimbanco/Falando em rebelião/Como quem fala de amores/Para a moça do portão?/ Quem é esse que penetra/No fundo do pantanal/Como quem vai manhãzinha/Buscar fruta no quintal?/ Quem é esse que conhece/Alagoas e Gerais/E fala a língua do povo/Como ninguém fala mais?/ Quem é esse?/De quem essa ira santa/Essa saúde civil/Que tocando a ferida/Redescobre o Brasil?/ Quem é esse peregrino/Que caminha sem parar?/Quem é esse meu poeta/Que ninguém pode calar?/ Quem é esse?

Citamos o deputado Ulisses Guimarães, a cantora Fafá de Belém, o senador Teotônio Vilela e o deputado Dante de Oliveira para mostrar a ampla visão cultural e a sensibilidade dos fotógrafos da Veja nas pessoas de Rogério Reis e Orlando Brito. Nas declarações destes profissionais da imagem sobre o Movimento das Diretas é possível perceber o olhar clínico não só nas fotografias estampadas na revista Veja, mas nas declarações daqueles que viveram esse momento histórico da multidão em cena.

Os profissionais da Veja sabiam o que estavam clicando e para quem estavam produzindo a imagem. Conforme atesta Rogério Reis, “o fotojornalismo terá sempre o seu lugar de prestígio, pois trabalha com informação de caráter público e discute o tempo todo a condição humana”<sup>19</sup>.

Neste primeiro capítulo nosso interesse não incidiu sobre os personagens centrais das Diretas Já, estes, como outrora falamos, citaremos no decorrer do trabalho.

Este primeiro capítulo nos propõe olhar para os produtores das imagens através das declarações e pensamentos destes, que tivemos acesso em nossa pesquisa. Olhar para o caminho executado pela imagem mediante sua produção e recepção, e fazermos considerações sobre o contexto da revista Veja, já que através do semanário temos acesso ao conjunto documental de fotografias presentes na pesquisa.

Buscamos aqui, também, contemplar esta cadeia de processo que envolve a produção e circulação das fotografias do Movimento das Diretas Já durante os 15 meses investigados em nossa pesquisa. Examinar as realidades pulsantes que incidiram na produção fotográfica. Olhar de modo peculiar para a construção da história da fotografia das Diretas nas páginas da Veja, mediante o labirinto de significados desenvolvidos pela imagem fotográfica. Nesses processos de pesquisa e análise nem sempre é possível decodificar todos os interesses representados na imagem.

Para tanto, a contribuição das reportagens do semanário, as entrevistas dos fotógrafos, os estudos do período histórico analisado e o auxílio dos teóricos citados no decorrer desta pesquisa nos guiaram na produção da história da fotografia do Movimento das Diretas Já. Isto é, a fotografia composta por sua produção de interesses, pelos fatores que a instigaram e proporcionaram a sua construção.

Contemplar a fotografia já traz em si um punhado de significados e expectativas. Refletir sobre esta imagem numa revista semanal com significativa circulação nacional

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida ao blog olhave. Disponível em: <<http://olhave.com.br/entrevistando-2/>>. Acesso em: 10/09/2014.

nos traz uma fotografia com forte ideologia e interesses a serem mapeados. “[...] Uma fotografia é capaz de rasgar o tempo, reconduzindo-o por entre estas múltiplas interpretações. Uma imagem que traduz a luta pela liberdade ao mesmo tempo em que expõe, em sua história, a frieza que traça seu destino” (CARDOSO, 2009, p. 20).

Abarcar o impacto gerado pela imagem é impossível em sua totalidade, porém, os vestígios existentes nos fornecem a capacidade de nos fazer enxergar caminhos antes ofuscados. A fotografia causa reações particulares em cada indivíduo. No Movimento das Diretas essa reação pode ser contemplada a partir de individualismos que, unidos, se tornam coletivos. Mesmo diante desse leque de opções, o foco central da pesquisa é desenvolver a história do Movimento das Diretas Já através das fotografias publicadas na revista *Veja*, onde a multidão em cena traz diversos brados com um único desejo, simbolizado pelo “poder” da escolha.

Contudo, nossa pesquisa não se debruçou sobre um método puramente empírico de experimento científico fundamentado unicamente sobre uma “fórmula testada em laboratório”. Esse método poderia ofuscar a sensibilidade do contexto gerador da imagem, prejudicando detalhes peculiares na história da fotografia que poderia nos levar a desbravar novos horizontes.

Deste modo, reconhecemos na fotografia das Diretas Já, reações e intempéries diversas inseridas no corpo fotográfico que necessita ser examinado de forma específica por estarem em campo de difícil acesso. Conforme atesta Ana Maria Mauad (1995, p.3), “[...] A própria crítica à essência mimética da imagem fotográfica já envolve um exercício de interpretação desta imagem, datado e, por conseguinte, historicamente determinado”.

A mimética da imagem, ou seja, o recorte congelado da fotografia, produz em si um olhar peculiar sobre a produção da imagem.

Para deixarmos ainda mais nítidas as características de observação propostas em nossa pesquisa, levamos em consideração a *produção do espaço*, o *trabalho estético* e a *organização visual* da imagem. As características culturais do contexto de produção da fotografia como também do indivíduo receptor.

Segundo Ana Maria Mauad (1995), a fotografia traz uma linguagem de interação entre a imagem e seu receptor e é uma interação por certos códigos visuais capazes de estimular no homem uma gama de reações.



A fotografia do Movimento das Diretas Já estampada nas páginas da Veja nos remete à compreensão de um período de constantes intempéries em nossa sociedade, representadas por diversas imagens de multidões em cena, mobilizada por sentimentos individuais que, unidos a outros, se caracterizam de forma homogênea por trazer no palanque da oratória personagens distintos, de origens e núcleos sociais diferentes, com uma proposta central: a democratização na escolha do governo nacional. As Diretas Já representam figuras distintas com objetivos iguais.

Reconhecer a busca e mobilização da sociedade nas ruas das diversas cidades do Brasil pelas Diretas Já é legitimar o lugar da história de grande importância para os dias atuais: a liberdade política e democrática.

Refletir sobre o Movimento das Diretas Já através das imagens é exprimir a dimensão da história da fotografia na composição do conhecimento do passado de nossa sociedade. É refletir e seguir caminhos possíveis de escolhas.

## CAPÍTULO II

### O MOVIMENTO DAS DIRETAS JÁ E A COBERTURA FOTOGRAFICA DA REVISTA VEJA

Nos anos 1983-1984 se configura no Brasil o Movimento das Diretas Já. Movimento este de grande repercussão e mobilização nacional. É o maior movimento republicano durante o período do golpe militar. Este Movimento é representado no Congresso Nacional pela Emenda Dante de Oliveira, que trazia em sua proposta a redemocratização das eleições presidenciais do Brasil. Durante 15 meses, o Movimento das Diretas passou por diversos regiões levando sua mensagem e buscando apoio. Logo, este capítulo analisará o brotar da Emenda das Diretas Já através de seu percurso no Congresso. Além de analisarmos e problematizarmos a cobertura fotográfica da revista Veja, no decorrer destes 15 meses. Para isso, investigamos como as fotografias deste movimento construíram, na articulação com os textos jornalísticos do semanário, uma narrativa sobre esse episódio.

Concluí que é preciso fazer política com dois projetos concomitantes. Um, político-ideológico, comprometido com certa perspectiva histórica, e outro partidário ou grupal ou pessoal, sem o qual é muito difícil navegar na política. Todos os grandes líderes que subiram nos nossos palanques tinham projetos de poder. Já agente estava ali só pelo sonho das Diretas e uma vaga ideia de transformação (LEONELLI, 2004, p. 27<sup>20</sup>).

No ano de 1984, o Movimento das Diretas Já entoava seu brado por diversos cantos do país. Os brasileiros vivenciavam um clima de festa e esperança democrática simbolizada pelo Movimento das Diretas.

O Movimento começou de forma modesta, porém com sonhos do tamanho do Brasil, ou seja, com sonhos de expandir-se a toda a nação brasileira, em cada lugar deste enorme país. Com as Diretas Já, “a vontade de mudança do povo estava agora

---

<sup>20</sup> Declaração pessoal de Domingos Leonelli no livro: Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura. Livro de autoria do próprio Domingos e Dante de Oliveira.

escancarada, a mobilização e a disposição de luta também, um mar de energia política tinha inundado o país” (COUTO<sup>21</sup>, 2004, p. 26).

Brota através das Diretas a voz da sociedade civil, a união de partidos de oposição pela causa deste movimento, a mobilização popular suprapartidária num sistema republicano no Brasil e o enfraquecimento do governo militar do presidente João Figueiredo pela fragmentação de sua base política. Segundo Domingos Leonelli (2004)<sup>22</sup>, o Movimento das Diretas Já talvez seja a única campanha popular nascida do parlamento para a sociedade brasileira. Ainda segundo o mesmo, a apreciação da Emenda das Diretas Já, que ocorreu no dia 25 de abril de 1984 e adentrou na madrugada do dia 26, com quase 17 horas de duração, se aprovada teria dado à sociedade brasileira o papel de protagonista na história política do país. O cidadão brasileiro não iria participar das eleições do modo que lhe era concedido dentro do controle político, com tudo previsto mediante regras tradicionais. Se a Emenda tivesse passado, a autoria da mudança seria daqueles que foram às ruas, que gritaram e vibraram pela democracia.

Dentro do contexto histórico-político, o Movimento das Diretas Já começou a ganhar seus contornos em janeiro de 1983. De acordo com Domingos Leonelli e Dante de Oliveira<sup>23</sup> (2004), autores do livro “Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura”, o jovem deputado do PMDB do Mato Grosso, Dante de Oliveira, declarou que, antes mesmo da sua posse como deputado federal já elaborava uma Emenda constitucional propondo eleições diretas para presidente da República. Dentro dessa conjuntura política, o presidente militar João Figueiredo disse em 30 de dezembro de 1982, em cadeia de rádio e TV, que “a geografia do país apresentará, em 1983, nova fisionomia. Lugares eminentes se deslocarão para a esfera de outras correntes partidárias. Novos personagens políticos terão de participar da responsabilidade governamental”. Figueiredo reconhece em seu discurso o novo quadro político que encontrará após a eleição de 1982, com 10 governadores de oposição.

---

<sup>21</sup> Ronaldo Costa Couto, jornalista que fez a apresentação do livro “Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura”. O livro é de autoria de Domingos Leonelli e Dante de Oliveira.

<sup>22</sup> O baiano Domingos Leonelli nasceu em 21 de janeiro de 1946, é formado em publicidade, foi deputado estadual e três vezes deputado federal, membro do diretório nacional do PSB (Partido socialista Brasileiro) e presidente da seção regional deste partido na Bahia. Publicou os seguintes livros: “Esquerda pluralista e revolução” e “Uma sustentável revolução na floresta”.

<sup>23</sup> Dante de Oliveira é natural de Cuiabá, Mato Grosso. Ex-militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), movimento que faz homenagem a data de morte do revolucionário Ernesto “Che” Guevara. Formou-se em Engenharia Civil, foi deputado estadual em 1978, deputado federal em 1982, prefeito de Cuiabá por duas vezes (1986 e 1992), ministro da reforma Agrária (1986), governador de Mato Grosso por duas vezes (1994 e 1998) e foi vice presidente nacional do PSDB.

Ao tomar posse como deputado federal, Dante de Oliveira solicitou a secretaria da Câmara dos Deputados a relação dos congressistas eleitos, para assim, obter as assinaturas necessárias à apresentação de sua Emenda constitucional. No livro já citado, o deputado atesta que se ficasse na Câmara e no Senado não colheria todas as assinaturas necessárias para apresentar a Emenda no Congresso. Logo, o deputado começou a colher assinaturas nos gabinetes, em corredores do Congresso, nos restaurantes, aeroportos, nas solenidades, no cafezinho, enfim, onde houvesse um parlamentar, lá estava Dante solicitando assinaturas para sua Emenda. Por conta de tanta disposição, o deputado federal do PMDB de São Paulo, Ulysses Guimarães, intitulou Dante de “mosquito elétrico”.

Na corrida para ter o direito de apresentar sua proposta, o deputado Dante de Oliveira teve que se desdobrar para conseguir todas as assinaturas. É importante salientar que a proposta da Emenda Dante de Oliveira, popularmente conhecida como Diretas Já, já havia sido apresentada por outras emendas que tratavam do mesmo assunto. A emenda do deputado Theodoro Mendes, de São Paulo, tratava da mesma conjuntura política, porém, o mesmo não reapresentou no início do ano e a Mesa da Câmara dos deputados informou a Dante que não havia emenda tratando do mesmo assunto. Assim, o deputado peemedebista pôde apresentar a sua Proposta de Emenda à Constituição em 02 de março de 1983. A emenda foi assinada pelo autor Dante de Oliveira e mais 176 deputados e 23 senadores.

Durante a campanha, me chama a atenção que, nos debates nas universidades, nos bairros e mesmo em comícios e grandes eventos, a resposta da população era muito forte quando se falava em elegermos o presidente da República. Aquilo me marcava, era algo que tocava as pessoas. Quando me elegi, tomei a decisão: vou apresentar o projeto. Antes fui ao Congresso, em janeiro, não tinha tomado posse, fui pesquisar sobre os projetos que estariam tramitando [...] um funcionário [...] me informou que não havia nenhum. Antes de iniciar a legislatura, eu já estava colhendo as assinaturas, em janeiro e fevereiro. Algumas eu consegui às vésperas de dar entrada no projeto. [...] eu estava tão ansioso para apresentar o projeto que fiquei na fila, perto do microfone, e fui o primeiro a falar. Eu tinha clareza de que o projeto seria muito discutido, por conta da sucessão presidencial. Por isso eu queria ser o primeiro a apresentá-lo (OLIVEIRA, 2004, p. 79).

Nesta perspectiva, podemos constatar que o Movimento das Diretas se configura primeiro na vontade popular, como sentido pelo próprio Dante em meio aos debates, comícios e eventos na sua campanha para deputado federal. Logo, o anseio por eleições

diretas nasce no seio da sociedade. Entretanto, é no Parlamento que o Movimento das Diretas começa a ganhar diretrizes de ação mais sólidas com o apoio, primeiramente, dos correligionários do próprio PMDB, para só então ganhar ares maiores.

Havia, como o próprio Dante atesta, um sentido de mudança em meio aos debates, mas a metodologia, a estrutura de montagem para colocar a multidão em cena, partiu das figuras políticas e em seguida veio o apoio de entidades como a Igreja Católica, os Sindicatos e as Associações. Essa configuração trouxe para o Movimento a característica de efeito catalizador.

Logo abaixo temos o texto na íntegra da Emenda das Diretas. O texto passou pela comissão examinadora, e na data de 25 de abril de 1984 entrou em votação na Câmara dos deputados. Com essa ação, o deputado peemedebista do Mato Grosso, Dante de Oliveira, apresentou a emenda que leva seu nome, mas representava toda a multidão que gritou “Diretas Já” nos diversos cantos do Brasil.

**Proposta de Emenda à Constituição nº 5, de 1983<sup>24</sup>**

**Dispõe sobre a eleição direta para Presidente Vice-Presidente da República.**

Dispõe sobre a eleição direta para Presidente Vice-Presidente da República. As Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, em uso das atribuições que lhes confere o art. 49 da Constituição, promulgam a seguinte Emenda ao Texto Constitucional:

Art. 1º - Os arts. 74 e 148 da Constituição Federal, revogados seus respectivos parágrafos, passarão a vigor com a seguinte redação:

Art. 74 - O Presidente e Vice-Presidente da República serão eleitos, simultaneamente, entre os brasileiros maiores de trinta e cinco anos e no exercício dos direitos políticos, por sufrágio universal e voto direto e secreto, por um período de cinco anos.

Parágrafo Único - A eleição do Presidente e Vice-Presidente da República realizar-se-á no dia 15 de Novembro do ano que anteceder ao término do mandato presidencial.

Art. 148 - O sufrágio é universal e o voto é direto e secreto; os partidos políticos terão representação proporcional, total ou parcial, na forma que a lei estabelecer.

Art. 2º - Ficam revogados o art. 75 e respectivos parágrafos, bem como o Parágrafo 1º do art. 77 da Constituição Federal, passando seu Parágrafo 2º a constituir-se parágrafo único.

**Justificação**

Apresentamos esta Emenda com o intuito de restabelecer a eleição direta do Presidente e Vice-Presidente da República.

O que se colima é restaurar a tradição da eleição direta, através do voto popular, tradição esta fundamentalmente arraigada não só no Direito Constitucional brasileiro como também nas aspirações de nosso povo.

Desde a primeira Constituição republicana, a eleição direta do primeiro mandatário da Nação foi um postulado que se integrou na vida apolítica do País. E os maiores Presidentes que o Brasil já teve vieram, todos eles, ungidos pelo consenso popular. Não só a tradição constitucional, ou as aspirações populares militam em favor do restabelecimento do direito do povo de escolher o primeiro magistrado.

A legitimidade do mandato surge límpida, incontestada, se sua autoridade for delegação expressa da maioria do eleitorado.

<sup>24</sup> Texto do projeto de lei foi extraído do livro “Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura”. LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA, Dante. 2004, p. 79.

Assim, o Presidente passa a exercer um poder que o povo livre e expressamente lhe conferiu. Este passa a ser o mais alto representante desse mesmo povo, que não somente o escolheu, mas apoiou suas idéias, seu programa, suas metas.

Difere do que ocorre com outros candidatos, escolhidos em círculos fechados e inacessíveis à influência popular e às aspirações nacionais. Um presidente eleito pelo voto direto está vinculado ao povo e com ele compromissado. As eleições diretas para Presidente da República pressupõe um novo pacto social. Serão as forças vivas da Nação, do assalariado ao empresariado, que irão formar a nova base social do poder. Um presidente eleito por um Colégio Eleitoral, não tem compromisso com o povo. Mas está diretamente vinculado àquelas forças que o apoiaram, no círculo diminuto e fechado que o escolheu.

Para completar o disposto no art. 74 e a revogação do art. 75 e seus parágrafos, bem como a do parágrafo 1º do art. 77, a proposta exclui do caput

do art. 148 da Constituição Federal a ressalva constante das palavras "salvo nos casos previstos nesta Constituição", bem como, seu parágrafo único, a fim de que fique expresso que o sufrágio é universal e o voto direto e secreto em todas as eleições.

Ao submetermos esta Proposta ao exame do Congresso Nacional, estamos certos de que seremos porta-vozes do anseio da Nação, da imensa maioria do nosso povo, que, há muito, acalenta esta aspiração, mais forte agora, após ter ressuscitado politicamente, com a última eleição direta para governador.

A presente Proposta de Emenda à Constituição deve ser vista, também, como a única solução à crise econômica, política e social porque passa o País.

A nós basta um mínimo de patriotismo, de honestidade e de sentimento humano, para entendermos que é hora de mudar.

A Emenda Dante de Oliveira propõe já no início do texto seu maior objetivo: restabelecer eleições diretas para presidente e vice-presidente da República em 15 de novembro de 1984, ano que antecede o fim do mandato presidencial do governo militar de João Figueiredo. Em sua justificativa, no segundo parágrafo, Dante afirma que o voto direto é uma “aspiração do povo”; no terceiro, ele argumenta que os maiores presidentes do país foram “ungidos pelo consenso popular”; no quinto, ele enaltece a legitimidade de um presidente em ser escolhido pela maioria de seu povo; no sexto parágrafo, amarra a ideia do quinto ao salientar que a escolha presidencial de forma livre confere ao presidente eleito o apoio do povo às “suas ideias, seu programa, suas metas”.

No sétimo parágrafo Dante mostra o antagonismo existente entre um presidente eleito pelo povo e outro eleito por um Colégio Eleitoral<sup>25</sup>, no qual, segundo ele, o

---

<sup>25</sup> Segundo o jornalista Edbertio Ticianeli, o Colégio Eleitoral foi criado pelo ato Institucional nº 1, em 09 de abril de 1964, com o objetivo de legitimação internacional para escolher o presidente da República. “Na verdade, atribuíram ao Congresso Nacional essa tarefa, tomando o cuidado de antes cassar os mandatos dos líderes da oposição”. Ainda segundo o mesmo, 12 dias após a instauração do golpe militar, o Colégio Eleitoral formado por 475 parlamentares escolheu o general Castelo Branco como primeiro presidente militar. Durante os governos militares, a formação do Colégio Eleitoral passou por algumas transformações em sua composição, como atesta Edbertio Ticianeli: “a Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969, altera a composição do Colégio Eleitoral, que passa a ser composto por membros do Congresso Nacional e por delegados das Assembleias Legislativas estaduais. Cada Assembleia indicava três deputados e mais um por quinhentos mil eleitores do Estado”. Essa composição fazia parte do governo militar de Emílio Garrastazu Médici. Em 15 de janeiro de 1974, o general Ernesto Geisel (PDS) foi o adversário de Ulysses Guimarães (MDB) no Colégio Eleitoral. O general venceu com 4000 votos e Ulysses ficou com 76 votos. Mesmo sabendo que não venceria no Colégio Eleitoral, Ulysses Guimarães “obedece a uma estratégia lançada em setembro de 1973, na convenção do MDB”, que segundo Edbertio Ticiane, era levar o discurso que denunciava a ausência de uma legítima eleição, já que no Colégio

presidente eleito pelo voto direto está diretamente compromissado com o povo, firmando o que ele denomina de “novo pacto social”, enquanto o presidente legitimado pelo Colégio Eleitoral desvincula o compromisso com o povo e firma alianças com “forças que o apoiaram”.

No nono parágrafo, o deputado pemedebista volta a afirmar que a proposta da emenda é ser “porta-voz do anseio da nação”, que ressuscitou no cenário político com a “eleição direta para governador”. Neste ponto Dante faz referência aos 10 governadores de oposição eleitos pelo voto direto após 18 anos sem eleições diretas para governador.

O penúltimo parágrafo firma a justificativa da emenda do pemedebista, na qual ele deposita a solução para a crise econômica, política e social instaurada no país. Por fim, no último parágrafo, Dante apela para o patriotismo de seus “nobres colegas” congressistas, para que estes se conscientizem da importância de mudar o rumo político do Brasil através da emenda.

A Emenda Dante de Oliveira firma sua justificativa de mudança na escolha presidencial nos três pilares estruturais de um país. Classificamos em nosso trabalho a economia, a política e o meio social como essas três colunas. É importante salientarmos que esses três pilares estão interligados entre si e desestruturação dessas colunas tem o poder de estabilizar ou desestabilizar um governo. Como atesta Alberto Tosi Rodrigues (1993, p.54), “Os processos de mudança econômica, política e social extraordinariamente agudos desencadeados ou radicalizados a partir de 1964, se desenrolaram de modo a encontrar, vinte anos depois, um país com outra face [...]”.

O golpe militar de 1964 que implantou o regime militar no Brasil, após 20 anos de dominação, estava chegando à vida adulta desidratado, marcado por crises econômicas, desemprego, corrupção, perseguições, mortes e com políticos que não representavam os interesses da sociedade. Logo, a multidão não foi às ruas pedindo reformas de base, mas para exigir o seu direito de escolher seus representantes e não seria à força das armas a solução. Deste modo, a Emenda das Diretas representa categoricamente o desejo das multidões.

O segundo passo no Movimento das Diretas foi solicitar o apoio da bancada do PMDB, maior partido de oposição. A emenda do deputado Dante de Oliveira necessitava do apoio e engajamento dos seus companheiros para seguir com fôlego no

---

Eleitoral as eleições ocorriam com “cartas marcadas” sempre a favor dos militares. Disponível em: <<http://www.tribunadosertao.com.br/blog/edbertoticianeli/colégio-eleitoral-quando-a-ditadura-tentou-parecer-uma-democracia/>>. Acesso em: 20/03/2015.

cenário político. Para tanto, no final da reunião do partido, o líder do PMDB no Congresso, o deputado Freitas Nobre, passou a palavra para o companheiro, o também deputado federal, Domingos Leonelli, para que este solicitasse aos demais companheiros o engajamento na elaboração de um plano de mobilização nacional para a emenda do deputado Dante de Oliveira.

No dia 18 de abril de 1983 constituiu-se a Comissão Mista (Câmara e Senado). Tal comissão ficou incumbida de dar o parecer sobre a Emenda nº 5, que elencava em seu texto central a disposição sobre eleição direta para presidente e vice-presidente da República. Mediante esses acontecimentos, a Emenda Dante de Oliveira começou a trilhar seu caminho.

Buscando firma-se cada vez mais como uma oposição coerente, de compromisso social com a democracia, o PMDB promove o primeiro comício das Diretas Já em Goiânia no dia 15 de Junho de 1983. Com muita cautela, como atesta Domingos e Dante, o movimento começou sem que a direção partidária tenha articulado diretrizes de apoio pertinentes com outros setores da sociedade, como sindicatos e associações. Não houve um consenso na escolha de Goiânia para o lançamento, mas muitos correligionários acreditavam que o movimento deveria ser lançado pelo deputado Ulysses num pronunciamento na Câmara, justamente por conta das repercussões midiáticas que poderiam ocorrer. Questionado pela escolha de Goiânia, o deputado Ulysses Guimarães falou que o estado de Goiás possuía uma organização política sólida para o partido que vinha de sucessivas vitórias neste estado, logo, era justa a escolha. Porém, cauteloso como era Ulysses, não escolheu Brasília como muitos queriam, por suspeitar que correligionários mais resistentes às Diretas não comparecessem e isto pudesse expor a fragilidade do recente movimento. Assim, um modo cauteloso e moderado foi a melhor opção para lançar o Movimento.

Tais acontecimentos mostram que o Movimento das Diretas Já foi se dinamizando e estimulando aos poucos, primeiramente as bases políticas, para somente mais adiante, como afirma Domingos Leonelli, ganhar as ruas do Brasil e se tornar uma ruptura e uma renovação política e social que tinha como objetivo instaurar uma “revolução democrática”.

Apesar de no início o Movimento das Diretas ainda ter se articulado com os sindicatos, associações e instituições como a Igreja Católica, a cúpula do PMDB sabia que o Movimento das Diretas só ganharia força mediante uma união coletiva de todos



os partidos de oposição e da sociedade civil. Basta olharmos como estava composto o Congresso em 1983 com a posse dos novos congressistas.

A Câmara na qual a Emenda Dante de Oliveira deveria ser aprovada, para assim seguir para o Senado, possuía a seguinte composição: 235 deputados do PDS (Partido Democrático Social, partido dos militares), 200 do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro, principal partido de oposição), 23 do PDT (Partido Democrático Trabalhista), 13 do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e 08 do PT (Partido dos Trabalhadores). Segundo Domingos e Dante, a oposição de 244 deputados contra 235, era maioria, porém, uma maioria instável e insegura.

No Senado, a composição era a seguinte: 46 senadores do PDS, 21 do PMDB, 01 do PTB e 01 do PDT. Maioria esmagadora para os militares. Com um cenário político fragilizado, era necessário articular-se com as demais forças políticas e cívicas para ganhar respaldo no cenário nacional.

Mesmo com uma maioria pequena na Câmara dos Deputados, a oposição precisava do apoio dos colegas do PDS para aprovação da emenda. Mediante as regras da casa legislativa, era necessário pelos menos 2/3 dos votos para aprovar uma emenda. Logo, era necessário obter o apoio de parte dos correligionários do PDS para a aprovação.

Nos 15 meses que antecedem a votação da Emenda Dante de Oliveira, a revista *Veja* nos apresenta, à princípio, uma cobertura fotográfica tímida, que só deslanchou por meio da força das alianças políticas e sociais. No dia 15 de junho de 1983 foi lançado o primeiro comício Pró-Diretas em Goiânia. A edição do semanário de 22 de junho 1983 não fez nenhuma alusão ao comício da capital de Goiás.

Porém, nas edições seguintes desses 15 meses, a *Veja* se engajou na cobertura do Movimento das Diretas de forma constante, posicionando-se contundentemente a favor através da sua linha editorial. A revista se comunicou com seu leitor mediante suas reportagens com um discurso jornalístico ancorado na imagem fotográfica.

Dos 75 exemplares observados, a revista *Veja* nos apresenta 3 imagens sobre o Movimento ilustrando suas capas, 35 imagens da multidão em cena, 6 imagens de figuras políticas com pessoas públicas em reuniões debatendo sobre o Movimento, e 16 imagens retratadas a partir dos palanques.

Por meio dos exemplares analisados, podemos constatar que a primeira vez que a *Veja* fez referência ao Movimento das Diretas foi na edição de nº 793 de 16 de novembro de 1983. O semanário traz em sua seção de política uma matéria ilustrada

com o seguinte título: “Pelas diretas – festa no Rio acaba em manifesto paulista”, a matéria faz alusão à força política do governador paulista Franco Montoro (PMDB), eleito pelo voto direto na eleição de outubro de 1982. A reportagem do semanário enaltece a importância da adesão do governador de São Paulo junto ao Movimento das Diretas. Na imagem abaixo, em preto e branco, o governador pemedebista está do lado esquerdo e ao seu lado direito está o jurista Sobral Pinto, ambos sorridentes, em clima de alegria, demonstrando entusiasmo na confraternização que, segundo a matéria, estava composta por membros da Ordem dos Advogados do Brasil e membros da Associação Brasileira de Imprensa.

**A HORA DA SUA  
IPOSENTADORIA  
CHEGA MAIS  
RÁPIDA DO QUE  
VOCÊ ESPERA.**

**PENSE NELA  
AGORA.**



Os anos passam. Quando você vê, chegou a hora de se aposentar.

E nesse momento que você começa a se preocupar em como manter o mesmo padrão de vida, para você e sua família.

Se você começar agora a resolver isso, vai ter uma aposentadoria tranquila e feliz.

Associe-se ao GBOEX em um de seus Planos de Aposentadoria com Renda Mensal para toda a vida.

Você passa a ter a certeza de um futuro melhor.

Solicite a presença de um representante do GBOEX.

**GBOEX GRÊMIO BENEFICENTE**

**ELEIÇÕES**  
**Pelas diretas**  
*Festa no Rio acaba em manifesto paulista*

Com um manifesto de vinte linhas, facultado na terça-feira passada durante um vôo do Rio de Janeiro para São Paulo, o governador Franco Montoro lançou-se candidato à vaga de parano de uma campanha popular pela eleição direta para a Presidência da República. O documento será apresentado a quatro governadores, da oposição e do PDS, mas é em São Paulo que ele deverá ganhar as suas, passando um abençoado ano que no início de 1984 subirá a rampa do Palácio do Planalto. Curiosamente, esse apelo dos paulistas para que o presidente José Figueiredo altere radicalmente o curso de sua sucessão nasceu, quase por acidente, de um erro-

do boise um relatório sobre suas direções políticas e administrativas no governo de São Paulo.

FAROS ALTOS — A entrada em cena de Montoro quando a reunião já in alta tiro de sala os garçons, mas não o usque — os próprios convidados, num vai-vem permanente, tomaram de reabastecer os copos na cozinha. O resultado dessa mistura de política com festa foi uma dose generosa de irreverência. Por isso, e porque a platéia tinha suas próprias noções a respeito do papel reservado a Montoro na política brasileira, o governador não pôde terminar sua exposição. Ele descrevia medidas de incentivo à cultura e conciliação paulistas quando o acadêmico Otto Lara Rezende atalhou: "Acende os faróis altos, governador!" Diante dele, então, o compromisso de lançar o manifesto, Montoro foi sendo empurrado a liderar a cam-

Montoro (com Sobral Pinto) convocado por intelectuais para a campanha

tro de Montoro com jornalistas e escritores cariocas.

O governador fora ao Rio cumprir um roteiro de formalidades — com visitas à Ordem dos Advogados do Brasil, à Associação Brasileira de Imprensa ou ao mensageiro jurista Sobral Pinto, que, há quarenta anos, o encaminhava para a vida pública. O desfecho do programa previa uma conversa "com intelectuais" no caso de Miguel Lins, titular de uma das grandes bancas de advocacia cariocas. Guiado pelo senador Bevenuto Gomes, improvisado em mestre-de-cerimônias, Montoro chegou atrasado. Passava das 11 horas da noite quando ele chegou, acomodou-se no centro de uma longa roda de convidados e si-cessa

paixa pela eleição direta de maneira irremediável.

"É preciso cuidar", proclama o editor Inno Silvêra. "O governador de São Paulo é líder político natural do país", disse o jornalista Carlos Castello Branco. "Assim, governador, assura", replicam vários vozes. Depois de ouvir que era, por sua posição estratégica, o único oposicionista em condições de liderar a campanha, foi acortado pelo imortal Antônio Houaiss: "Não acredite nisso, governador. Se o Francisco Neves estiver aqui, eles dizem a mesma coisa". Pouco depois de 1 hora da manhã, ao deixar a reunião, Montoro fez uma péssima. "O manifesto vai sair, exceto não ser". A banda do avião, começou cumprir o prometido.

VEJA, 16 DE NOVEMBRO, 1983

**FIGURA 6:** Imagem do Governador de São Paulo, Franco Montoro (à esquerda) com o jurista Sobral Pinto (direita). Revista Veja, edição de nº 793, publicado em 16 de novembro de 1983. Fotografia cedida pelo Jornal do Brasil.

Na fotografia temos dois importantes homens públicos principalmente para o eixo político Rio-São Paulo. O governador Franco Montoro representa, na imagem acima, a força política de um importante estado brasileiro, já o jurista Sobral Pinto traz em sua história “árduas” lutas em defesa dos direitos humanos. O enquadramento da fotografia nos apresenta uma confraternização de “bem amigos”, homens públicos símbolos de força para a articulação político-social que começa a se desenhar com o Movimento das Diretas.

Segundo Domingos e Dante (2004, p.285), o mês de novembro “[...] talvez tenha sido o ponto em que a articulação política e a opinião pública estiveram mais próximos”. Por conta de sua cobertura jornalística, a revista *Veja* desempenhou um papel importante nesse contexto por meio da opinião pública configurada em suas páginas.

A partir da imagem acima podemos constatar que a *Veja* começou a demonstrar seu apoio à proposta de redemocratização das eleições presidenciais mediante a abordagem positiva adotada pela linha editorial. À princípio a imagem potencializa a figura do estado de São Paulo como o estado capaz de levar o movimento para todo o país por conta da sua força política. O título da matéria busca legitimar o “manifesto” como uma articulação desse estado ao afirmar que a festa no “Rio acaba em manifesto paulista”. No centro da imagem está o governador de São Paulo, Franco Montoro, simbolizando, como já citamos, a força política desse estado, coroado como patrono das Diretas pela reportagem.

A cobertura fotográfica da *Veja*, como já afirmamos, começa a partir do dia 16 de novembro de 1983. O semanário começa a cobrir as reuniões de articulações que acontecem antes da emenda ir para votação na Câmara dos Deputados.

Na fotografia abaixo temos uma manifestação promovida por artistas da União Brasileira de Teatro em frente ao Teatro Municipal de São Paulo. A imagem preto-e-branca nos apresenta uma faixa com a seguinte frase: “Tem eleições diretas para presidente em 84”. Logo abaixo podemos observar na fotografia os atores Juca de Oliveira e Raul Cortez, as atrizes Regina Duarte e Ruth Escobar, entre outros. Os artistas pediram o apoio do público presente num abaixo assinado solicitando ao Presidente João Figueiredo eleições Diretas.



**FIGURAS 7 E 8:** A primeira imagem retrata uma pequena manifestação promovida por artistas em frente ao teatro municipal de São Paulo. Na segunda imagem temos em destaque o vice-presidente da República, Aureliano Chaves, almoçando no Rio com políticos. Revista Veja, edição de nº 795, publicado em 30 de novembro de 1983. A figura 7 foi cedida pela folha de S. Paulo e o fotógrafo da figura 8 é Rogério Réis.

Essa foi a primeira vez que a *Veja* retratou em suas páginas uma manifestação popular pelas Diretas. No centro da imagem estão artistas populares da TV brasileira, fazendo reivindicações e convidando a população para demandar esforços, todos juntos pelas eleições diretas para presidente. O Movimento das Diretas começa a ganhar espaço popular nas páginas da *Veja* e o teatro brasileiro começa a entrar em cena pelo movimento. A fotografia não só retrata os artistas por serem figuras públicas, a imagem demonstra que esses profissionais da arte apoiam eleições democráticas no Brasil.

Na segunda fotografia, também em preto-e-branco, e na mesma página do semanário, temos o vice-presidente Aureliano Chaves num almoço no Rio de Janeiro com políticos. Aureliano está no centro da imagem, sorridente, em clima de descontração. Segundo reportagem da *Veja*, o vice-presidente estava discutindo se as eleições para presidente seriam diretas ou indiretas. Ainda segundo a reportagem, Aureliano declarou: “sou a favor da eleição direta para Presidência da República”, porém não explicou se em 1984 ou em outra data mais adiante, como se posicionavam muitos colegas do seu partido (PDS). Na mesma reportagem, a *Veja* faz menção ao

no de 1985, sem os entraves da fidelidade partidária e com o apoio da oposição a um nome de consenso.

■ Em seguida à posse do novo presidente, no dia 15 de março de 1985, será iniciado um grande processo de reorganização partidária.

■ Nas eleições previstas para 15 de novembro de 1986, a sociedade brasileira elegente, com novos partidos, o presidente da República e seu vice, bem como governadores, senadores e deputados. Os senadores e deputados seriam eleitos em todo o país devidamente informado de que no ano seguinte tomariam posse para desempenhar as funções de constituintes.

■ O presidente encarregado de chefiar o governo de transição, entre 15 de março de 1985 a 1987, certamente traria a equipe que acompanhou o general Figueiredo e teria as mãos livres para uma grande reorganização da dívida externa, visando a pressão exercida sobre a economia brasileira pelos compromissos internacionais. Basicamente, ele seria encarregado de levar a negociação da dívida para entendimentos entre governo, reduzindo a importância da intermediação do Fundo Monetário Internacional.

**TRES NOMES** — Há fortes indícios de que esse plano tem o apoio do PDT, cujo chefe, o governador Leonel Brizola, já defendeu a prorrogação do mandato.

**Manifestação dos artistas em São Paulo: a campanha começa a ganhar as ruas**

Mas a hostilidade em Fortaleza certamente destoou da nota dominante das conversas entre os políticos, pois, tanto da parte do governo como do PMDB e do PDT, a ideia que mais avançou foi a de um grande acordo nacional, girando em torno da ideia central de um governo de transição, que precederia a eleição direta para a Presidência.

Assim, ao escolher uma data para a realização do pleito direto, os governadores tentam edificar uma base de negociação com o governo, pois sabem que o Palácio do Planalto está claramente engajado na articulação de um acordo com a oposição. No rastro desse consenso poderá surgir uma fórmula de compromisso montada de modo a trazer um mandato-tampão para o sucessor de Figueiredo, que seria eleito ainda pelo processo indireto, a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte e uma nova reorganização partidária.

**PLANO CONCRETO** — Autorizado pelo presidente Figueiredo, o encarregado de chefiar esse acordo com a oposição é o chefe do Gabinete Civil, professor João Leirão de Albuquerque. Para isso, Leirão se move na sombra, mas na semana passada comprometeu-se que se move muito. Ele já se reuniu, separadamente, com os senadores Fernando Henrique Cardoso e Severo Gomes, do PMDB e Roberto Saruê, do PDT. Tudo isso sem contar a sucessão de encontros já mantidos com o governador mineiro Tancredo Neves, interlocutor de Leirão em pelo menos três encontros.

VEJA, 30 DE NOVEMBRO, 1983

Nas suas conversas, o chefe do Gabinete Civil coloca o acordo com a oposição como prioritária para o conjunto de mudanças na política nacional e, por enquanto, evita discutir detalhes — por exemplo, a duração do governo de transição ou a identidade do governo. A seu lado, porém, está o deputado Thales Ramalho (PDS-PE), hoje com certeza o parlamentar de melhor nível no Palácio. Thales é mais claro. Ele defende a necessidade do acordo e oferece um plano concreto.

■ Eleição indireta do sucessor do presidente João Figueiredo no dia 15 de janeiro



Aureliano, no almoço no Rio: a direta “imediatamente ou mediatamente”

37

discurso do ministro da justiça Ibrahim Abi-Aekel no 20º Encontro Nacional de Vereadores em Fortaleza. O ministro afirmou que eleições diretas realizadas de forma rápida feria a Constituição. Segundo a reportagem do semanário, Abi-Aekel foi vaiado pelos vereadores que, em seguida, começaram a falar em coro “um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil”.

Na sequência, a reportagem destaca que o encontro de Aureliano com políticos do PMDB e do PDS convergia para um acordo entre ambos. A ideia central da aliança seria um governo de transição que precederia a eleição direta para presidente. Os opositores das Diretas começam então a se articular para barrar a proposta da emenda que almeja as eleições diretas para presidente em 1984.

A presença do vice-presidente Aureliano Chaves no Rio, com os seus companheiros de partido do PDS e com o partido de maior força de oposição aos militares, o PMDB, simboliza preocupação do governo militar com as articulações políticas e sociais que começavam a se compor no cenário nacional. O Palácio do Planalto demonstra estar claramente engajado na articulação de um acordo com a oposição. O Planalto busca, através dessa articulação, costurar um compromisso entre os militares e a oposição para driblar a ideia de eleições diretas em 1984, e de quebra, eleger o sucessor de João Figueiredo pelo processo indireto através do Colégio Eleitoral com suas cartas marcadas. Assim, teria tempo para buscar reorganizar e fortalecer as bases do PDS.

Conforme atesta Domingos e Dante (2004, p. 298), “O plano de Leitão de Abreu incluía uma reorganização do quadro partidário e a manutenção do sistema eleitoral, com a realização de eleição indireta a partir de um nome que fosse consenso”. O chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, foi autorizado pelo próprio João Figueiredo a tentar consolidar uma aliança com as alas moderadoras do PMDB e PDS.

As duas imagens acima não estão colocadas numa mesma página por coincidência ou ingenuidade. Existe um antagonismo entre ambas. A primeira reivindica eleições diretas em 84, já a segunda busca articular um acordo entre posição e oposição, prorrogando as eleições indiretas por mais um pleito.

No mês seguinte, a *Veja* traz em sua edição de 07 de dezembro de 1983, duas fotografias: uma do líder do PDS na Câmara e outra do líder do partido no Senado. A primeira imagem traz no centro o deputado Gerson Peres, do Pará. O deputado está sorridente, fazendo sinal de positivo com a mão direita, e na mão esquerda segurando

uma a lista que contém 181 assinaturas dos correligionários, comprometidos em votar contra a Emenda Dante de Oliveira.



**FIGURAS 9 E 10:** A primeira imagem retrata o deputado federal Gerson Peres (PDS/PA) colhendo assinaturas dos seus correligionários contra as Diretas. Na segunda imagem temos o presidente do PDS no senado, José Sarney, e o senador Dinarte Mariz, ambos contemplando as 26 assinaturas dos colegas parlamentares contra as Diretas. Revista Veja, edição de nº 796, publicado em 07 de dezembro de 1983. Fotógrafo da figura 9: Carlos Namba. Fotógrafo da figura 10: Gilberto Alves/Correio Braziliense.

No enteando, se os 181 deputados votassem contra a emenda, as eleições diretas não seriam aprovadas, já que a emenda não conseguiria os 2/3 dos votos necessários para seguir rumo ao Senado Federal. O título da matéria jornalística afirma que “A direta pára no PDS”, e com esse enunciado, a reportagem reforça a tese do que já tínhamos mencionado. Eram necessários votos favoráveis de políticos do PDS nas duas casas legislativas para aprovar a emenda e neste cenário comprometido seria muito difícil a Emenda Dante de Oliveira seguir para o Senado e, assim, ser aprovada nas duas casas legislativas<sup>26</sup>.

Na segunda fotografia acima temos o presidente do PDS, José Sarney, ao lado do Senador Dinarte Mariz (PDS-RN). Os dois senadores estão contemplando o abaixo assinado com 26 assinaturas dos senadores contra as Diretas. Segundo a reportagem da

<sup>26</sup> *adj.* Referente à legislação ou ao poder de legislar. *S.m.* Um dos três poderes soberanos do Estado, aquele ao qual compete a elaboração das leis. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/legislativo/>>. Acesso em: 14/04/2015.

Veja, o senador José Sarney declarou que “não existe fórmula capaz de fazer o PDS abrir mão da eleição indireta”. Na mesma reportagem, o deputado Gerson Peres também declara que “O PDS vai eleger o próximo presidente”.

Se observarmos mais detalhadamente a segunda fotografia acima, na edição 796 da Veja, veremos três microfones de emissoras de TV presentes no evento. Mesmo em preto-e-branco, na imagem é possível identificar o símbolo da TV Globo. As declarações de José Sarney foram publicadas pelo semanário e retransmitidas pelas TVs presentes. O discurso dos militares começa a ser disseminado pelos seus representantes legais nos meios de comunicação.

Na edição 795 de 30 de novembro, e na edição 796 de 07 de dezembro de 1983 da Veja, apenas esta última edição do semanário faz uma pequena menção ao comício do Pacaembu, sem muito destaque. Esse movimento teve como principais organizadores a Comissão de Justiça e Paz (CJP) da Arquidiocese de São Paulo e o Partido dos Trabalhadores. De acordo com Domingos e Dante (2004), o PMDB só foi convidado dois dias antes para o evento e o mesmo não teria espaço para falar, o que causou mal estar e fez com que o prefeito de São Paulo, Mário Covas, não viabilizasse transporte coletivo, e o governador Franco Montoro não disponibilizasse material de apoio para o evento. Era esperado um número de 100 mil pessoas segundo os organizadores, e só compareceram 15 mil, porém, o semanário faz menção a apenas 10 mil pessoas.

Para Domingos e Dante (2004), o PT precisava compreender que era necessário o apoio de todos para incentivar as multidões a irem às ruas pelas Diretas.

Na segunda imagem abaixo podemos ver o pequeno espaço dado pela Veja ao evento ocorrido no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. A fotografia é pequena e em preto-e-branco, à esquerda se encontra uma criança simbolizando uma urna, com o desenho de uma mão depositando o voto para presidente. À direita temos uma senhora, muito provavelmente a mãe do menino, segurando uma bandeira que não temos como descrevê-la por conta da baixa qualidade da imagem. Na legenda da foto o semanário descreve: “Manifestação no Pacaembu: divergência”. Veja faz referência à discordância de opiniões existentes entre o PT e o PMDB. Os políticos peemedebistas não digeriram bem serem chamados pelos petistas para participarem do evento no Pacaembu somente nas últimas horas próximas ao comício. Por conta do ocorrido, o número de pessoas foi menor por ser organizado somente por um partido político.

Já na primeira fotografia, também em preto-e-branco, temos o ministro chefe de gabinete da presidência, Leitão de Abreu, e colegas de partido do PDS, em busca de

apoio contra o Movimento das Diretas. O encontro de Leitão com partidários simbolizava um PDS em constante busca no fortalecimento de sua base de apoio para consolidar forças para barrar definitivamente a ameaça de eleições diretas.



**FIGURAS 11 E 12:** Na primeira imagem vemos um jantar interpartidário entre o ministro chefe de gabinete da Presidência, Leitão de Abreu, e colegas de partido, em busca de apoio contra a Campanha das Diretas para presidente. A segunda imagem retrata a manifestação ocorrida no Estádio do Pacaembu-SP pelas Diretas. Revista Veja, edição de nº 796, publicado em 07 de dezembro de 1983. Fotografia da figura 11: Paula Simas. Fotografia da figura 12: Irmo Celso.

Mesmo com ampla vantagem na Câmara e no Senado, o PDS contra-atacava as eleições diretas e buscava articular-se para minar as chances da Emenda Dante de Oliveira ser aprovada. Isso ocorria porque dentro do PDS não havia um consenso sobre o nome do candidato para suceder João Figueiredo. Sem um consenso no “partido dos militares”, as bases de apoio poderiam ir para a oposição e fortalecer o Movimento das Diretas.

Por que a preocupação do PDS em fortalecer suas bases? O Partido Democrático Social era composto por militares e civis, e com a aproximação do fim do mandato de João Figueiredo, as bases do partido se mobilizavam para eleger o sucessor, como já citamos. O deputado federal Gerson Peres e o senador José Sarney, ambos do PDS, afirmavam que o partido não abria mão do sucessor. Todavia, quem poderia



suceder o general João Figueiredo? Essa questão era dilema dentro do PDS e nenhum nome dispunha de uma ampla maioria dentro da legenda.

Conforme atesta Domingos e Dante (2004, p. 205), “Na verdade, a hipótese de reeleição de Figueiredo não era bem-vista nem no PDS, nem entre os militares do grupo Geisel, justamente o que assegurara a escolha do próprio Figueiredo para a presidência”.

Nem o próprio presidente militar João Figueiredo acenava querer ir para a reeleição, pelo contrário, em sua entrevista na edição 794 na revista *Veja* de 23 de novembro de 1983, Figueiredo fez declarações contraditórias ao projeto de sucessão do seu partido. O presidente militar afirmou ser a favor das eleições diretas, mas no momento não havia possibilidades, já que seu partido não se conformaria com as eleições diretas. Figueiredo fez questão de afirmar que se contentava com as eleições democráticas legitimadas pela população, porém o PDS não permitiria. Essas declarações de Figueiredo foram concedidas em Lagos, capital da Nigéria, neste período o presidente militar estava visitando diversos países do continente africano.

Porém, como atesta Domingos e Dante (2004, p. 317), “O presidente João Figueiredo recuou definitivamente da hipótese que chegara a admitir na África e nas conversas com parlamentares”.

Distante da pátria, Figueiredo foi capaz de expor os antagonismos existentes dentro do seu partido. A falta de compatibilidade de ideias existentes dentro do PDS começava a emergir e as discordâncias começavam a ser visíveis através das declarações dos próprios membros do partido.

O mês de dezembro de 1983 foi marcado pelo não fechamento de acordo entre posição e oposição. Neste mesmo mês, três nomes começavam a se projetar como possíveis candidatos do PDS para concorrer à presidência do Brasil. Como atestam Domingos e Dante (2004, p. 318), “Os deputados e senadores do PDS estavam dispostos a arrostar com tudo para exercerem o até então inédito direito de escolher entre Maluf, Andreazza e Aureliano aquele que melhor atendesse a seus apetites exacerbados”.

Pela primeira vez desde o golpe militar de 1964 dois civis se projetavam com chances de representar o PDS numa eleição. Dos três nomes citados, apenas Mário Andreazza era militar. Logo, os três começavam a buscar apoio nas bases do PDS. Aureliano Chaves era o vice-presidente de João Figueiredo, Paulo Maluf era deputado federal e Mário Andreazza ministro do interior.

Segundo reportagem de Veja da edição acima, dos três candidatos, apenas um tinha a simpatia de João Figueiredo para substituí-lo, e este candidato era Mario Andreazza. O vice-presidente Aureliano Chaves já havia aborrecido o presidente em algumas ocasiões e o deputado Paulo Maluf era uma das figuras políticas mais abominadas pelo presidente.

Esse cenário mostra um PDS composto por adversidades entre seus membros, com comportamento contraditório e sem uma figura forte até aquele momento para consolidar o projeto de sucessão através de eleições indiretas.

Do outro lado, o partido de maior oposição em números proporcionais, o PMDB, se desdobrava em suas articulações internas para conter os ânimos de seus membros na corrida por cargos na eleição do diretório nacional do partido. Era necessário não se rachar internamente na disputa interna para que a proposta da Emenda Dante de Oliveira ganhasse força em seus últimos meses.

Assim, Domingos e Dante (2004) apontam que mesmo à contra gosto do deputado federal peemedebista Fernando Lyra e do governador Franco Montoro, Ulysses Guimarães continuou sendo presidente do PMDB. O governador mineiro Tancredo Neves sabia da força política que o deputado paulista Ulysses Guimarães simbolizava neste momento para o partido. Acalmado os ânimos após a eleição do diretório nacional do PMDB, o Movimento das Diretas começa a ganhar adesão.

Com o um público relativamente pequeno, de 15 mil pessoas, se comparado com 100 mil esperado pelo PT, CUT (Central Única dos Trabalhadores) e Igreja Católica, o comício no Estádio do Pacaembu serviu para demonstrar a todos os interessados em eleições diretas que o movimento só seria possível com a união de todos em prol da democracia.

Acreditamos que a partir desse momento começou a se concretizar na consciência de todos que o Movimento das Diretas não poderia ser de uma sigla partidária, mas sim, um movimento suprapartidário.

Como atesta Domingos e Dante (2004), no mês de dezembro o Movimento das Diretas ganhou adesão de oitenta entidades, entre as quais a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), ABI (Associação Brasileira de Imprensa), UNE (União Nacional dos Estudantes), Conclat (Conferência das Classes Trabalhadoras), Ubes (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), Famerj (Federação de Moradores do Estado do Rio de Janeiro) e Andes (Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior), que organizaram no Rio de Janeiro o Comitê Estadual de Defesa das Diretas. As

entidades citadas ainda lançaram um manifesto com abaixo-assinado popular solicitando eleições democráticas através das urnas.

Passado dez dias, CUT e Conclat assinam nota em comum acordo convocando lideranças sindicais e trabalhadores do estado de São Paulo a se mobilizarem em prol dos direitos dos trabalhadores e pelas Diretas.

A adesão de entidades sindical, social e cultural se mostra como grande força na articulação dos grandes comícios marcados pela movimentação das multidões nos diversos cantos do Brasil.

Em meio a toda essa articulação pelas Diretas, a edição 802 da revista Veja de 18 de janeiro de 1984, traz, pela primeira vez, de forma conducente, através da imagem fotográfica e com ampla matéria em suas páginas, o Movimento das Diretas. Nesta edição o semanário enaltece o movimento pelas eleições Diretas.



**FIGURA 13:** Imagem do comício no centro de Curitiba, Rua das Flores (boca maldita). Revista Veja, edição de nº 802, publicado em 18 de janeiro de 1984. Fotógrafo: Nani Góis.

Na imagem em preto-e-branco acima, temos muitas faixas com mensagens expressando o desejo da multidão por eleições democráticas. Entre as faixas, é perceptível a mensagem de três delas, localizadas acima do palanque em ordem decrescente, elas expressam as seguintes frases: "Eu quero votar pra presidente",

“Jacarezinho quer votar para presidente”, “Iporã luta pelas diretas”. Por se tratar de uma fotografia ampla em sua dimensão, não é possível descrever as personagens centrais do palanque, somente com auxílio da reportagem podemos descrever algumas figuras centrais que estiveram presentes no evento da Rua das Flores em Curitiba.

Segundo a reportagem da Veja, estiveram presentes e discursaram: o prefeito da cidade, Maurício Fruet do PMDB; o cantor Martinho da Vila; o ator Raul Cortez; a atriz Dina Sfat; o deputado federal do PMDB, Ulysses Guimarães; o locutor do evento, Osmar Santos; o argentino Luís Carlos Quintana; entre outras diversas figuras públicas. Apesar do eloquente discurso do deputado Ulysses, a reportagem da revista enfatiza como grande estrela da noite Luís Carlos Quintana, representante da União Cívica Radical, o partido que elegeu Raúl Alfonsín para presidente da Argentina. Quintana disse em seu discurso: “*juntos trilharemos el camino de la democracia*” (juntos trilharemos o caminho da democracia).

A presença do argentino no comício da capital paranaense simboliza a influência da abertura democrática do país vizinho sobre o Brasil. Os argentinos vivenciaram seis golpes de estado, sendo o último em 1976 com duração de sete anos de governo militar. Apesar de não trazer uma imagem de Luís Carlos Quintana, o semanário enaltece a fala do argentino no momento do discurso por este ser, naquele momento, o símbolo real da luta pela democracia. Em Curitiba, Quintana fermentava a possibilidade do sonho das Diretas.

Os argentinos passaram por sete duros anos de regime militar como a própria revista Veja em sua edição 800 de 04 de janeiro de 1984 afirma. Na edição que enaltece o comício de Curitiba, o semanário não poupou críticas ao comparar a abertura democrática da Argentina com a ainda sonhada abertura brasileira. A presente edição Veja dedica oito páginas com duas matérias que embasam o leitor na transição do regime militar para as eleições democráticas no país vizinho.

A primeira matéria é intitulada “A demolição do regime - O presidente Raúl Alfonsín usa a força que recebeu das urnas para escarvar e punir os crimes da ditadura militar que marcou a Argentina”. A segunda matéria recebe o título de “Paralelos inúteis – Brasil e Argentina vão da ditadura à abertura por homens e caminhos diferentes”.

Na primeira reportagem, a Veja valoriza as ações do recém-empossado presidente argentino Raúl Alfonsín, eleito pelo voto direto. Segundo reportagem do semanário, o presidente argentino, que tinha sido empossado dia 10 de dezembro de 1983, começou a punir os crimes da ditadura com apenas um mês de governo. Ainda

conforme a reportagem, Veja cita que no período de sete anos se estima 30 mil mortes no regime militar argentino, porém, essa informação é polêmica até nos dias atuais, já que a Comissão Nacional de Pessoas Desaparecidas fala em 9 mil desaparecidos, enquanto os órgãos de defesa dos direitos humanos sustentam que foram aproximadamente 30 mil desaparecidos<sup>27</sup>.

Na segunda reportagem da edição acima, o semanário faz comparações dos sete anos de regime militar argentino com os já quase vinte anos do regime brasileiro naquele período. A reportagem da Veja enfatiza que, durante os sete anos, o congresso argentino ficou fechado, enquanto no regime militar brasileiro foram onze meses. Porém, como o próprio título da reportagem afirma, a abertura se faz por paralelos inúteis. A revista Veja fazia uma previsão da difícil e demorada abertura brasileira.

Podemos concluir que existiu uma intenção em demonstrar para seu público a queda do regime argentino e rápida agilidade do recém-empossado governo democrático para sancionar os problemas construídos no desastroso regime militar.

Foram intencionais duas vastas matérias jornalísticas da Veja demonstrando as atrocidades do regime militar no país vizinho antes do comício em Curitiba.

Voltando nosso olhar para edição 802 de 18 de Janeiro de 1984, Veja afirma que o começo ocorreu em Curitiba, porém como já sabemos, o primeiro evento pelas Diretas ocorreu em Goiânia.

Conforme atesta Domingos e Dante (2004, p. 344), “O ato público de Goiânia, em junho de 1983, era lembrado por alguns no palanque de Curitiba como parâmetro da força das Diretas: como cresceram em pouco mais de seis meses”.

Porém, o semanário não faz menção do comício de Goiânia e não cita que algum presente tenha feito. Muito provavelmente, a cidade de Curitiba foi legitimada pela Veja como o começo do Movimento das Diretas pela grande articulação e multidão que se fizeram presentes no evento. Em janeiro de 1984, as alianças políticas, sociais e culturais estavam consolidadas em prol das Diretas. Na cidade de Goiânia, a expressividade não foi tão notória em termos de visibilidade, não tinha alianças de entidades e neste período o PMDB estava engatinhando as ideias e buscando mapear a dimensão do movimento.

---

<sup>27</sup> Informação extraída do site jornalístico G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/12/argentinos-comemoram-os-30-anos-do-fim-da-ditadura-militar-no-pais.html> />. Acesso em: 14/04/2015.

Entre o final de dezembro de 1983 e início de janeiro de 1984, o Movimento das Diretas começa a ganhar sua identidade suprapartidária. Muito provavelmente por conta dessa dimensão o locutor oficial das Diretas, Osmar Santos, declara, segundo Domingos e Dante (2004), que começava em Curitiba a grande arrancada do Brasil.

Na figura 3, com imagens da edição 804 de 1º de fevereiro de 1984, a revista *Veja*, traz pela primeira vez uma capa com a multidão nas ruas. A capa da revista é ilustrada por uma ampla foto da Praça da Sé, repleta de pessoas ostentando cartazes e bandeiras e, ao fundo da imagem, a Igreja e os edifícios em torno da Praça. O espaço retratado na foto nos remete a um lugar marcado por lutas sociais já que em 1964, quando a Praça da Sé é ocupada pelos manifestantes da Marcha da Família com Deus pela Liberdade (movimento ideológico de luta contra as “supostas sinalizações” do presidente João Goulart e as diretrizes políticas do sistema comunista). Esse espaço também é marcado pelo ato ecumênico da morte do jornalista Vladimir Herzorg, morto pela tortura militar em 25 de outubro de 1975. Este último acontecimento remete a população uma reflexão marcante das diretrizes opressoras tomadas pelo sistema do governo militar.

O espaço da Sé é marcado pelo ecumenismo de religiões que aconteceu após a morte de Herzorg. Simbolicamente, esse espaço abriga em sua geografia a luta pela justiça social: é o espaço do clamor popular por uma sociedade mais justa e igualitária.

A foto da capa possui todo um tratamento estético que convoca o povo para assumir o desejo de votar para presidente. Na parte superior da capa está o nome da revista em letras grandes, logo abaixo, a frase: “eu quero votar pra presidente”. Junto com a frase, um efeito técnico que traz duas pinceladas com as cores verde e amarela, as da bandeira do Brasil. Ao lermos o nome da revista e a frase abaixo temos a sensação de estarmos “vibrando” com a multidão: “Veja, eu quero votar pra presidente”. A representação das pinceladas representando as cores de nossa bandeira nos leva ao sentimento de nacionalidade sempre presente no futebol. A fotografia na capa da *Veja* busca simbolizar em um fragmento a “grandiosidade” do Movimento das Diretas na maior e mais importante cidade do Brasil. A lente da câmara busca captar a multidão presente no evento e ao mesmo tempo retratar a estrutura arquitetônica de São Paulo em apenas um *click*.

Pela primeira vez o semanário retrata o Movimento das Diretas com um trabalho estético em cores vibrantes e não simplesmente em cores preta e branca como vinha ocorrendo. Mesmo tendo afirmado que o começo foi em Curitiba, é em São Paulo que a

Veja busca impactar por meios estéticos mais bem elaborados com a multidão na rua e, para esta cidade, é então guardado o espaço mais ilustre da revista, a capa.

A imagem retratada na Veja é intencional e consciente. O semanário mostra de forma irrefutável a multidão na Sé, a realidade fotográfica legitima o movimento pela força da linguagem visual. A comunicação da imagem da capa da Veja ultrapassa os 528 exemplares desta edição. Como já citamos, a revista fica exposta em diversas bancas de jornal no centro das grandes cidades, locais estes em que circulam inúmeras pessoas. Essas pessoas não precisam comprar a revista para ver a multidão que está presente na Sé.

A linguagem visual, auxiliada pela manchete de capa, ultrapassa os limites da tiragem. É a imagem fotográfica fundamentando as Diretas. A capa traz uma palavra de ordem expressada pela multidão na Praça da Sé, essa palavra de ordem pode ser definida, segundo Maria Helena Capelato, como a “palavra bala<sup>28</sup>”, esta é assim chamada por ser capaz de produzir no leitor um efeito de aceitação mais relevante que um artigo ou texto que possibilite essa reflexão. A “palavra bala” forma pequenas mensagens capazes de mobilizar o público leitor.

Na fotografia abaixo, da mesma edição, a revista Veja coloca duas páginas na íntegra, da multidão na Praça da Sé:

---

<sup>28</sup> Palavra extraída da entrevista da historiadora Maria Helena Capelato, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP. Ela faz uma análise do papel da imprensa no Golpe e no regime militar de 1964. A entrevista foi concedida à jornalista Mônica Teixeira da UNIVESPTV, em 18 de março de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2teX16wFfvc>>. Acesso em: 20/10/2014.



**FIGURA 14:** Multidão que se fez presente na Praça da Sé em São Paulo, reivindicando eleições democráticas para presidente. Revista Veja, edição de nº 804, publicado em 1º de Fevereiro de 1984. Não foi creditado o autor da imagem.

Como podemos ver, a fotografia acima ocupa as duas páginas do semanário na íntegra. Com uma visão ampla, a imagem da Praça da Sé em São Paulo estava lotada pela multidão. Na imagem podemos observar as bandeiras dos seguintes partidos políticos: PC do B (Partido Comunista do Brasil), PT (Partido dos Trabalhadores) e PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Além das bandeiras ostentando a sigla dos partidos, encontramos frases escritas em cartazes e faixas. Podemos ver ainda a faixa da Associação Paulista dos Municípios Pró-Diretas, em cor amarela com a seguinte frase de tonalidade verde: “Associação Paulista dos Municípios Pelas Diretas”, a palavra “Diretas” tendo grande destaque. Por meio deste ato a Associação demonstra seu apoio ao Movimento das Diretas Já.

Com a multidão em cena, observamos diversos cartazes de cor amarela e a escrita em cor verde com a seguinte frase: “Eu quero votar para presidente”, e abaixo desta, um quadrado marcado com um “x”, fazendo referência à cédula de votação. A fotografia da Veja traz em sua composição o elemento mais importante para este contexto: a multidão. Os civis foram congelados sobre uma realidade de euforia e vibração, a grande maioria da multidão em cena está levantando os braços, falando, gritando e batendo palmas de mãos para cima. A frase na parte superior da fotografia personifica a



multidão, tornando esta um personagem. Demonstrando, assim, a importância da mobilização dos civis para o Movimento das Diretas.

No enunciado, a revista *Veja* afirma ser a maior manifestação política dos últimos vinte anos. Este contexto retrata um período delicado de nossa história política e social. O semanário estampa em suas páginas uma multidão entusiasmada com cartazes e faixas, estes, produzidos em sua maioria com cores que remetem à bandeira brasileira. A sensação que temos ao contemplar a imagem com tamanha importância dada pela revista é a ocorrência de uma multidão e um único grito: Diretas Já.

Mais uma vez, a *Veja* retrata a multidão presente na Praça da Sé em cores vibrantes e não em preto-e-branco como os que estiveram presentes em Curitiba. A imagem acima ocupa as duas páginas da *Veja*, com a “mensagem bala”: “A Praça pede o voto - Na Sé, em São Paulo, a maior manifestação política dos últimos vinte anos”. A imagem vem acompanhada por palavras de ordem reivindicando eleições diretas para presidente do Brasil.

As diversas bandeiras de partidos e entidades legitima o Movimento das Diretas como movimento suprapartidário. A “grandiosidade” do evento das Diretas em São Paulo rendeu a fotografia da capa e sete páginas da revista, enaltecendo o evento entre textos e imagens.

A fotografia abaixo reforça a ideia em legitimar o que já havíamos falado: o Movimento das Diretas é suprapartidário, e a imagem busca demonstrar essa construção para o leitor.



**FIGURAS 15 E 16:** a primeira foto retrata parte dos políticos e figuras públicas presentes no comício da Praça da Sé. A segunda mostra parte da multidão que estava presente no mesmo comício. Revista Veja, edição de nº 804, publicado em 1º de Fevereiro de 1984. Fotógrafo: Orlando Brito.

Na página 14 desta edição, a revista traz uma fotografia menor, porém com ampla visualização do espaço, e em sua legenda destaca: “a multidão que foi a Praça da Sé...”. Ao lado desta, podemos ver em destaque uma imagem mais próxima do palanque com os seguintes personagens: Ida Guimarães; o deputado federal Ulysses Guimarães; a primeira dama do estado de São Paulo, Lucy Montoro; o governador do Rio de Janeiro pelo PDT, Leonel Brizola; o governador do estado de São Paulo pelo PMDB, Franco Montoro; e o líder sindical e presidente do PT (Partido dos Trabalhadores), Luiz Inácio da Silva (o Lula).

No momento de congelamento da imagem, todos os presentes na fotografia se encontram de mãos unidas elevadas para o alto, e ao fundo, a imagem traz a famosa frase “eu quero votar pra presidente”, estampada sobre a cor amarela (a escrita se destaca pela pigmentação preta). Antes do termo “presidente”, o famoso quadrado em branco marcado pela letra “x”.

A legenda da fotografia do palanque destaca: “No encerramento do comício, os partidos se unem ao som do Hino Nacional.” Nesta página, Veja destaca a união de partidos políticos pelas Diretas ao ressaltar a parceria por um ideal e registra a

expressiva multidão estimada na cifra de 200.000 pessoas que gritavam “um, dois, três; quatro, cinco, mil; Queremos eleger o presidente do Brasil!”.

Dando sequência à matéria, o semanário traz na página 15 uma fotografia similar a da capa:



**FIGURAS 17 E 18:** a primeira fotografia mostra a multidão na Praça da Sé. Já a segunda retrata mais algumas pessoas que estiveram no comício. Revista *Veja*, edição de nº 804, publicado em 1º de Fevereiro de 1984. Fotógrafo da figura 17: Carlos Fenerich. Fotógrafo da figura 18: Orlando Brito.

A primeira imagem nos mostra mais uma vez a ampla visão da Praça da Sé, retratada a partir de uma grande dimensão, uma visão grandiosa, assim como a imagem de capa desta edição, porém, é perceptível a diferença de direcionamento das duas imagens. A primeira fotografia da página 15 (figura 18) valoriza a visão da Igreja da Sé, já que o palco montado está localizado à frente da igreja, com a multidão ostentando cartazes em cores branca, vermelha e amarela no centro da Praça, sendo o foco principal da imagem, que destaca a seguinte legenda “[...] na quarta-feira passada registrou um novo marco de grandiosidade na história das manifestações políticas”. A partir dessa legenda, e com o auxílio das imagens, podemos concluir a ênfase expressada pela *Veja* ao comício da Sé.

Porém, nesta mesma imagem temos uma valorização dos prédios localizados próximos da Praça. Essa valorização arquitetônica em torno da multidão não é ingênua, ela agrega à imagem a grandiosidade do evento retratado pela revista.

A segunda fotografia, localizada abaixo da primeira, traz um senhor e uma mulher chamada Lúcia em cima da árvore segurando um pequeno cartaz branco com a seguinte frase escrita em cor preta: “interior pelas diretas”, e ao lado destes, outro civil. A pequena frase escrita no cartaz em que Lúcia ajuda a exhibir demonstra que a mensagem do Movimento das Diretas ultrapassava os grandes centros urbanos e chegava ao interior. Com a declaração de Lúcia, o semanário busca demonstrar que o sentimento de mudança está presente na população interiorana também presente no evento.

Na sequência, Veja continua representando em suas páginas as diversas camadas da sociedade que estiveram presente no comício da Sé.



**FIGURAS 19, 20 E 21:** na primeira imagem temos a *socialite* Bárbara Gancia. Na segunda imagem temos o projetista Rui Pinho. Na terceira vemos novamente o projetista. Revista Veja, edição de nº 804, publicado em 1º de Fevereiro de 1984. Fotógrafo da figura 19: Rogério Reis. Fotógrafo da figura 20 e 21: Manoel Novaes.

A primeira fotografia da página 17 (figura 20) traz a *socialite* Bárbara Gancia segurando um cartaz com a frase “eu quero votar pra presidente”, o cartaz lembra uma

cédula de votação de cor amarela com a frase escrita em cor verde e um “x” em cor azul marcando a “cédula”. O cartaz é contornado em cor branca. Todas essas cores fazem referência à bandeira do Brasil. Ao fundo, a fotografia retrata a multidão composta por homens e mulheres. Do lado de dentro do cordão de isolamento está a *socialite* já citada e um policial, este último mantendo a organização do evento; por trás da multidão estão os prédios localizados em torno da Praça da Sé, entre estes podemos identificar o banco Bradesco.

Na segunda imagem (figura 21) temos o projetista Rui Pinho de Camargo ao lado do seu carro (VW Gol), e acima de Rui, uma faixa amarela de grande extensão localizada no estacionamento da Sé, nela escrita a já famosa frase do Movimento das Diretas e convocando todos para se fazerem presentes no Movimento naquele dia.

Na terceira imagem (figura 22), o projetista está em frente à Igreja Católica da Sé, e ao seu redor, a multidão que estava presente no evento. Ao fundo da fotografia temos a Igreja já citada e à frente desta o palco montado para o evento, além de manifestantes ostentando diversos cartazes de cores vermelha, branca e amarela. Ainda podemos observar diversas faixas. Outro detalhe peculiar na fotografia é que o projetista Rui Pinho está com uma bandeira do PMDB amarrada à cintura; esta em cor amarela e com a escrita em preto da sigla do partido e a frase “Diretas Já”.

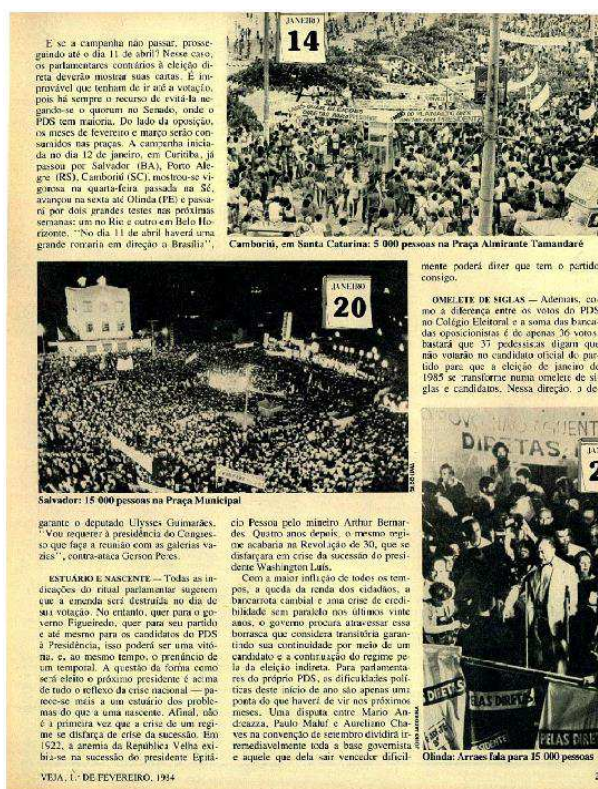
Essas imagens reforçam a ideia de homogeneidade no movimento, que atingiria todas as camadas sociais. Independentes de cidade e *status* social, a multidão estava reivindicando eleições democráticas. Logo, o semanário utiliza-se das fotografias para reforçar as informações expressadas na matéria jornalística.

A revista ainda relata as duas horas de chuvas ocorridas antes do Movimento das Diretas, e justifica que as intempéries do clima não afastaram a multidão. Segundo a Veja, o governador de São Paulo, Franco Montoro, declarou que a multidão presente no movimento representava os 130 milhões de brasileiros. Ao relatar as intempéries e afirmar que a multidão permaneceu no comício para reivindicar seus direitos de escolha, a revista assume a postura de afirmar que os brasileiros preferem fazer nas urnas a próxima sucessão presidencial.

Na carta ao leitor desta mesma edição, na página 11, a revista Veja relata a importância dos mais de 80% dos eleitores desejarem eleições diretas para presidente através do voto popular. Além de questionar a opinião do presidente João Figueiredo, que sustentava a versão de que a multidão estava na Sé para assistir um show de artistas,

a Veja também questiona se os deputados e senadores estão dispostos a subordinar o desejo da multidão ao Colégio Eleitoral.

Seguindo a linha de um discurso unificado entre a multidão, ancorado pela imagem, a Veja traz nesta mesma edição a união não somente da multidão presente no comício do estado de São Paulo, mas dos outros estados do Brasil. Na matéria intitulada “A força da indireta – O regime procura atravessar a crise, que considera passageira sem abrir mão da indireta”, o semanário defende em seu discurso a unificação da multidão por eleições diretas em outros estados brasileiros.



**FIGURAS 22, 23 E 24:** A primeira imagem retrata a multidão na Praça Almirante Tamandaré, Camboriú/SC. A segunda imagem exhibe a multidão na Praça Municipal em Salvador/BA. A terceira imagem mostra o deputado peemedebista Miguel Arraes discursando para a multidão presente em Olinda/PE. Revista Veja, edição de nº 804, publicado em 1º de Fevereiro de 1984. Fotografos da figura 22 Nani Góis, figura 23 Gildo Lima, figura 24 Júlio Jacobina.

A primeira imagem (figura 23) traz uma multidão próxima à praia de Camboriú, na Praça Almirante Tamandaré. Acima da multidão, diversas faixas anexadas a um poste a outro, sendo a faixa em destaque na fotografia aquela que traz as seguintes frases: “Lages quer eleições para presidente” e “PMDB do planalto quer eleições diretas para presidente”. A multidão em cena está congelada em lugares dispersos, ou seja, sem um ponto fixo naquele momento. O efeito expresso na imagem nos leva a interpretar

uma constante locomoção da multidão, ou provavelmente o evento não tivesse começado ou já tivesse chegado ao fim. Segundo a *Veja*, estima-se uma multidão de aproximadamente 5.000 pessoas naquele evento.

A segunda imagem congelada (figura 24) reproduz uma multidão estimada, segundo *Veja*, em 15.000 pessoas, que ocuparam a Praça Tomé de Sousa (Praça Municipal em Salvador/BA). A fotografia é reproduzida em cores preta e branca, congelada numa superfície com pouca luminosidade, a imagem é composta por uma pigmentação escura com poucos feixes de luzes; estes últimos, representados apenas pela luz elétrica e pelo *click* da câmara fotográfica. Por conta da amplitude da imagem, pelo horário de reprodução e pela pouca luminosidade do local, a nitidez da imagem fotográfica torna-se encarecida. Assim, as diversas faixas não podem ser descritas por conta da pouca luminosidade, porém, é perceptível em torno da multidão pequenos edifícios, entre estes, o prédio do elevador Lacerda, símbolo turístico da Bahia.

Na terceira fotografia (figura 25) temos o deputado federal Miguel Arraes de Alencar, do PMDB, discursando para uma multidão de 15.000 pessoas em Olinda/PE. Com uma pigmentação em preto e branco, a imagem traz o deputado em cima de um palanque cercado por diversas pessoas, na frente do palanque são perceptíveis três cartazes anexados na base de segurança com frases Pró-Diretas. Através da superfície da imagem não é possível percebermos o aglomerado de pessoas descrito na reportagem, já que a fotografia só retrata parte do espaço em cima do palanque.

Ao retratar a multidão nos diversos espaços geográficos do Brasil, a revista *Veja*, além de buscar legitimar um discurso homogêneo da multidão e dos políticos engajados por eleições diretas, confronta em sua matéria a fala do deputado federal Thales Ramalho (PDS-PE). Segundo a *Veja*, o deputado afirma que clamores populares não são capazes de fazer deputados e senadores do PDS mudarem de opinião, e assim, a emenda não será aprovada.

Tendo em vista a proximidade da votação da Emenda das Diretas, a edição 806 da *Veja* traz uma pequena síntese da trajetória política de Dante de Oliveira. O mato-grossense de Cuiabá é caracterizado como um deputado que ganhou notoriedade por causa da emenda que leva seu nome e tornou-se símbolo da luta por eleições Diretas. O semanário ainda elenca a busca do diálogo de Dante com o PDS.

aspectos da emenda Dante de Oliveira, a visão que voltará favorecendo à sua aprovação caso seja levada ao plenário a 11 de abril.

"Pretendo participar desse debate até mesmo com a apresentação de um substitutivo", previu Maçiel, que no momento avalia simultaneamente a força da campanha pela direita e sua própria penetração junto aos convencioneiros do PDS. Na quarta-feira passada, Maçiel visitou o ex-presidente Ernesto Geisel no Rio de Janeiro — e, se não ouviu qualquer crítica à sua resistência em apoiar de imediato o vice-presidente Auréliano Chaves, o preferido de Geisel, também não chegou a ouvir palavras de estímulo ao esforço que empreende para arrecadar apoios no PDS.

**PELO TELEFONE** — O exato alcance da campanha pela volta da eleição direta poderá ser aferido nas manifestações previstas para Belo Horizonte, no próximo dia 24, Rio de Janeiro, onde um comício na Cinelândia está convocado para o dia 21 de março, e São Paulo, que tentará superar a manifestação na Praça da Sé com uma gigantesca concentração no começo de abril, no Vale do Anhangabaú. Na semana passada, a adesão dos líderes das igrejas cristãs reunidos em Taboão da Serra, nas cercanias da capital paulista, ao esforço pela

direta convenceu os organizadores do ato de que uma multidão ainda superior à da 14 de abril no Anhangabaú.

Para o deputado Ayrton Soares, líder do PT no Paraná, a campanha vai bem, mas ganharia muito mais vigor se existisse uma convenção nacional. O deputado Ulysses Guimarães se opõe à ideia, sob o sagaz argumento de que "seria burocratizar muito". "O que o Ulysses

quer é mandar sozinho, pensando que a campanha é dele", ruge Soares. O líder do PT também se mostra descontente com a falta de articulação parlamentar exibida pela campanha. "Sem os votos do PDS", lembra, "a emenda não passa".

Enquanto os parlamentares tentam sair das, os profícuos "famílicos polí-diretas" usam a imaginação como podem. Na quinta-feira passada, em Belo Horizonte, por exemplo, foi lançada na Praça Sete, no centro da cidade, a campanha "Mulher Diretas". As autoras da ideia propõem que cada mulher telefonar para cinco amigas, pedindo sua presença no comício de dia 24 e convidando-as a ligarem para outras cinco amigas, estabelecendo uma corrente via Telemig. Na abertura do comício, a vereadora Ercina Circo, do PT, usou um telefone instalado no próprio palanque para falar com a mulher do governador Tancredino Neves. Risoleta, conforme fora previamente combinado, nas seis primeiras tentativas, o telefone estava ocupado. Quando na sétima, suas duas Risoletas não estava por perto, e só na oitava tentativa a conversa foi possível. A primeira filha de Milton Greca prometeu comparecer ao comício — e, já na quinta-feira, convidar pelo telefone pelo menos cinco amigas.

### A celebridade, por uma idéia oportuna

Aos 52 anos, em seu primeiro mandato, o deputado Dante de Oliveira, do PMDB de Mato Grosso, provavelmente seria ainda um obscureto calouro da Câmara — se ali não tivesse chegado portento, além de 22 000 votos na hegemonia, um projeto na cabeça. Já na abertura da sessão legislativa, apresentou uma emenda que propunha o restabelecimento da eleição direta para presidente da República. E, sem fazer qualquer discurso grandiloquente nem emitir talentos especiais nas comissões, esse mato-grossense de Curitiba, alto, magro e de gestos agitados, não só ficou bastante conhecido no Congresso como tor-

rou seu nome familiar a milhões de brasileiros.

Filho de um ex-deputado estadista da antiga UDN de Mato Grosso, casado há três anos e ainda sem filhos, Dante de Oliveira milita na organização de extrema esquerda MR-8, em 1982, quando

achou muito sensato conceber exclusividade como ativista do PMDB. No turbulento episódio da votação do Decreto-lei 224, ele foi escalado para vigiar, de alto do seu 1.90 metro de altura, os movimentos do fulcido presidente do Congresso, senador Nilo Coelho. Na semana passada, Dante de Oliveira parecia ser deixado definitivamente para trás pelos secundários.

Visitou o presidente do Senado Moacir Dalla, circulou no Palácio dos Bandeirantes em companhia do governador Francisco Montoro e foi recebido pelo presidente em exercício Auréliano Chaves. Da mesma forma, suas declarações de hoje em nada lembram os zangados pronunciamentos do MR-8. "É necessário, agora, dialogarmos com o PDS", prega o autor da emenda farouca. "É também precisamos conversar com o árcaico do governo."



Dante e Dalla: entendimentos com o PDS

VEJA, 15 DE FEVEREIRO, 1984

23

**FIGURA 25:** A segunda imagem da página 23 retrata, à esquerda, o dep. Dante de Oliveira (PMDB) e à direita o senador do PDS Moacir Dalla. Revista Veja, edição de nº 806, publicado em 15 de Fevereiro de 1984. Fotógrafo: Tude Munhoz.

A fotografia em preto-e-branco traz à direita o presidente do senado, Moacir Dalla (PDS-ES), e à esquerda o deputado federal Dante de Oliveira (PMDB-MT), autor da emenda constitucional que leva seu nome e apresenta a proposta de eleições diretas para presidente. A imagem nos mostra a conversa que Dante teve com Moacir sobre a Emenda das Diretas. Nesta imagem, o parlamentar capixaba está com as duas mãos abertas e elevadas à altura do peitoral, gesticulação que simboliza compreensão do interlocutor. Por outro lado, compreender a opinião do outro não significa aceitar. À esquerda, Dante expressa uma postura de concentração ao olhar fixamente para Moacir.

Ao registrar a busca de apoio pelas eleições diretas, a revista mostra-nos em diversos cenários a batalha travada para conquistar os opositores.

Na edição 807 do dia 22 de fevereiro de 1984, Veja traz a seguinte matéria: "As armas das indiretas - Os ministros militares querem conter a oposição". A matéria fala da articulação dos ministros do PDS para conter os avanços da proposta das Diretas. Para isso, segundo a Veja, Auréliano Chaves, vice-presidente, se propôs a desistir da sua candidatura em prol da união do partido. Já Mário Andreazza, ministro do interior, e



o deputado Paulo Maluf, defenderam o prosseguimento da disputa até a convenção do partido.

Nesta mesma edição, Veja traz a imagem da multidão que esteve presente no Rio de Janeiro reivindicando eleições Diretas:



**FIGURA 26:** A primeira imagem da página 23 retrata a multidão presente no comício das Diretas no Rio. Revista Veja, edição de nº 807, publicado em 22 de Fevereiro de 1984. Fotógrafo: Ricardo Chaves.

A imagem gerada no centro do Rio de Janeiro nos traz uma multidão de cerca de 40.000 pessoas, segundo a Veja. A concepção da imagem ocorreu de um ângulo privilegiado, proporcionando uma ampla visão do local. A fotografia retrata uma aglomeração de pessoas, e, em volta destas, prédios, árvores e todo suporte que compõe o centro desta metrópole. Apesar do congelamento da superfície fotográfica ocorrer nas cores preta e branca, e a amplitude da imagem minimizar os cartazes e faixas ostentados pelos manifestantes, torna-se nítido o fervor político-ideológico contido na passeata no centro do Rio. A imagem ilustra uma passeata "imponente" de cunho vigoroso, uma população "vibrante" e sedenta por mudanças políticas num contexto próprio do seu tempo.

Na matéria, a Veja apresenta dados numéricos grandiosos do Movimento das Diretas. Até o dia 12 de fevereiro de 1984 estimava-se que cerca de 500.000 mil pessoas

teriam ido às ruas reivindicar a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, a popular Emenda das Diretas. Mais uma vez a *Veja* demonstra cifras de outros estados em que os comícios das Diretas aconteceram. A matéria informa que com as 60.000 pessoas em Belém-PA, 10.000 no centro de Recife-PE e 10.000 em Macapá-AP, as Diretas chegavam à cifra de mais de meio milhão de pessoas. Através desses dados a revista demonstra claramente o avanço e adesão da sociedade em prol das eleições democráticas. Por conta dessas cifras, o semanário rebatiza a emenda chamando-a de “divina emenda”.

Por ser um órgão informativo de alta circulação, a *Veja* é sabedora do poder que legitima na construção da informação jornalística, assim, o semanário vai construindo semana a semana seu discurso em prol das Diretas. A cada nova edição, percebemos o crescimento das Diretas nas ruas e nas páginas da *Veja*. Neste mesmo período, o semanário salienta em diversas edições os embates internos no PDS. É de grande valia mencionar esses embates no “partido dos militares”. Com os choques de opiniões existentes no PDS, haveria mais esperança para a Emenda Dante de Oliveira ser aprovada.

Na edição 808 de 21 de fevereiro de 1984, a revista traz uma imagem ampla do comício em Minas Gerais.



**FIGURA 27:** Comício em Belo Horizonte - MG. Revista *Veja*, edição de nº 808, publicado em 29 de Fevereiro de 1984. Fotógrafo: Orlando Brito.

A fotografia é composta por uma pigmentação em preto e branco e retrata a multidão que ocupou todo o espaço da Avenida Afonso Pena em Belo Horizonte, sustentando muitas faixas. Dentre estas é perceptível a predominância da sigla do PMDB, já que este é o partido “organizador” do Movimento das Diretas nesta capital. A imagem captada nos mostra um espaço completamente ocupado pela multidão, o que justifica a necessidade de um palanque de 10 metros de altura.

A fotografia foi concebida do alto do palanque no momento do discurso do governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola. Assim, a figura política a direita, de frente para a multidão e de costas para o leitor, é o governador do Rio. Brizola está com a mão direita elevada à altura da cabeça e o dedo indicador apontando para frente. O governador discursa gesticulando com as mãos, muito provavelmente convocando os presentes a reivindicar eleições diretas.

Observando a fotografia é possível ver na sacada do prédio à esquerda diversas pessoas contemplando o discurso de Brizola. Segundo a Veja, o evento Diretas Já em Belo Horizonte levou 250.000 pessoas às ruas para mostrar ao governo que elas queriam votar para presidente. Prova disso, é a não ocorrência da violência.

Com uma aglomeração de 200.000 pessoas na Praça da Sé/SP e 250.000 em Belo Horizonte/MG. O semanário vai constantemente enaltecendo, mediante suas reportagens ancoradas pelas fotografias, o crescimento da campanha em meio a um clima descontraído dos manifestantes. Os participantes vão sendo ouvidos e os leitores vão tendo acesso a essa construção a partir de um movimento configurado pelo semanário com seriedade, entusiasmo e esperança. Assim, a Veja faz sua representação do Movimento das Diretas Já.



**FIGURAS 28, 29 E 30:** A primeira imagem retratar os estudantes de medicina vestidos de palhaço. Na segunda imagem temos a cantora Simone. Já na terceira imagem temos Nequinho da Beija-Flor ao lado do locutor Osmar Santos. Todas as imagens foram produzidas no comício em Belo Horizonte/MG. Revista Veja, edição de nº 808, publicado em 29 de Fevereiro de 1984. Fotógrafos figura 28 e 30 Yugo Koyama, figura 29 Orlando Brito.

Por meio dessas construções, as três fotografias acima foram reproduzidas em pigmentação preto-e-branca. A primeira (figura 29) traz a representação da irreverência de cinco estudantes de medicina vestidos de palhaços simbolizando um trem com as seguintes frases “alô, alô diretas! Sim temos”. Ao fundo, a imponência dos grandes prédios situados no centro da Avenida Afonso Pena. Na segunda imagem (figura 30) temos a cantora Simone cantando a música “Pra não dizer que não falei das flores”<sup>29</sup> de

<sup>29</sup> Pra não dizer que não falei das flores (autor - Geraldo Vandré): Caminhando e cantando e seguindo a canção/Somos todos iguais braços dados ou não/Nas escolas nas ruas, campos, construções/Caminhando e cantando e seguindo a canção/Vem, vamos embora, que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora, não espera acontecer/Vem, vamos embora, que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora, não espera acontecer/Pelos campos há fome em grandes plantações/Pelas ruas marchando indecisos cordões/Ainda fazem da flor seu mais forte refrão/E acreditam nas flores vencendo o canhão/Vem, vamos embora, que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Vem, vamos embora, que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Há soldados armados, amados ou não/Quase todos perdidos de armas na mão/Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição/De morrer pela pátria e viver sem razão/Vem, vamos embora, que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Vem, vamos embora, que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Nas escolas, nas ruas, campos, construções/Somos todos soldados, armados ou não/Caminhando e cantando e seguindo a canção/Somos todos iguais braços dados ou não/Os amores na mente, as flores no chão/

autoria de Geraldo Vandré. Segundo a reportagem da Veja, foi um momento de muita emoção na Avenida, pois o coro musical expressa o desejo de fazer acontecer o ato das eleições diretas. Todavia, o semanário procura sensibilizar o seu público mediante suas descrições.

A terceira fotografia (figura 31) traz o jogador de futebol Dario, do América Mineiro, com a seguinte frase “Eleições Diretas” estampada em sua camisa, e próximo a ele, o locutor Osmar Santos ao lado de um militante. Assim como o locutor de futebol Osmar, o jogador Dario agrega ao movimento seu prestígio de atleta engajado no Movimento das Diretas Já.

Com os desfiles das escolas de samba não foi diferente: a irreverência e criatividade destas fez diversas críticas ao regime militar. No sambódromo do Rio de Janeiro, a escola de samba Caprichosos de Pilares fez seu protesto:



**FIGURA 31:** A imagem retrata parte do desfile da escola de samba Caprichos de Pilares. Revista Veja, edição de nº 810, publicado em 22 de março de 1984. Fotógrafo: Fernando Pimentel.

A certeza na frente, a história na mão/Caminhando e cantando e seguindo a canção/  
Aprendendo e ensinando uma nova lição/Vem, vamos embora, que esperar não é saber/  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Vem, vamos embora, que esperar não é saber/  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

A fotografia retrata um momento do desfile de 1984 da escola de samba Caprichosos de Pilares do Rio de Janeiro. Na figura 32 temos à frente cinco sambistas femininas em trajes típicos de escola de samba, próximo a elas, dois sambistas, e de costas temos um supervisor da escola fiscalizando o desfile. No centro da imagem um carro alegórico traz uma charge com os políticos descritos da esquerda para a direita: Tancredo Neves, Leonel Brizola e Ulisses Guimarães, estes, retratados em cima de um muro como se estivessem observando a seguinte frase escrita no muro: “85 Diretas”. A frase faz alusão ao ano futuro de 1985 como o ano de retorno das eleições diretas para presidente. O ano que todos esperavam começar com um presidente democraticamente escolhido pelos civis. O carro alegórico traz na parte frontal o muro com um palhaço colorido segurando com a mão direita uma maquete do Senado. Uma crítica nítida à política antidemocrática do governo militar. Ao fundo, a fotografia retrata parte dos camarins do sambódromo e da ornamentação da escola. De forma bastante irreverente e criticamente bem afiada, a escola de samba Caprichos de Pilares traz para avenida seu protesto.

Faltando apenas sete dias para a Emenda Dante de Oliveira ser apreciada na Câmara, a fotografia (figura 04) da edição 815 da revista de 18 de abril de 1984 traz mais uma capa imponente retratando a multidão, desta vez no Rio de Janeiro.

Na fotografia de capa temos claramente a manipulação estética na imagem. A figura do deputado Ulysses Guimarães foi nitidamente reenquadrada à frente da multidão que esteve presente na Av. Presidente Vargas no Rio de Janeiro, e ao fundo, a multidão segura diversos cartazes, bandeiras e faixas com as palavras de ordens tantas vezes citadas reivindicando eleições Diretas. Bem acima, na imagem do lado esquerdo, uma pequena faixa com efeito técnico em cor amarela escrito em preto o nome: “Aureliano” ‘Já!’.

Do lado esquerdo e direito da fotografia temos os grandes prédios da Av. Presidente Vargas, que trazem para a imagem uma dimensão profunda que a lente da câmara fotográfica não foi capaz de abarcar.

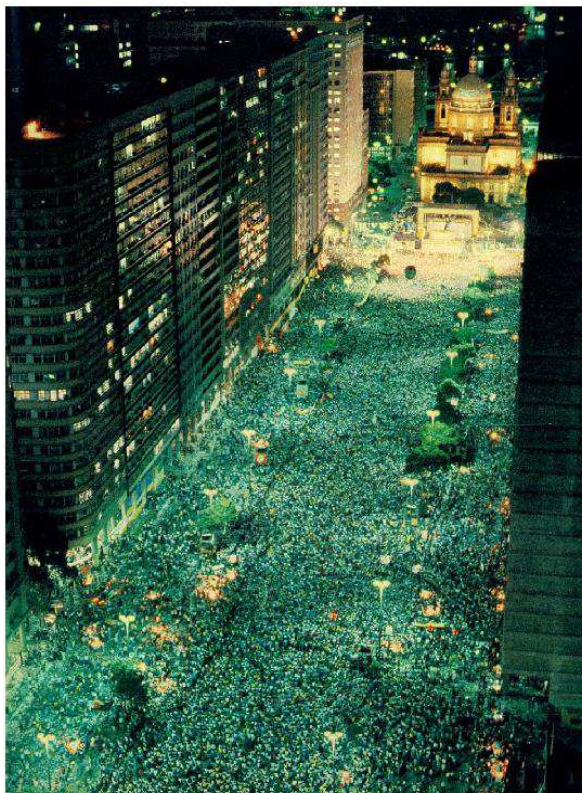
O nome do vice-presidente Aureliano Chaves, escrito no lado esquerdo, é no mínimo curioso, já que a revista não indaga, e sim, usa a exclamação. É como se a Veja estivesse oferecendo duas opções para presidente ao citar o nome de Aureliano e apresentar na mesma superfície fotográfica a figura de Ulisses, este na vanguarda. É importante salientar que a essa altura do campeonato eleitoral, Aureliano Chaves já havia perdido fôlego dentro do PDS para tentar concorrer à eleição, talvez por já ter

declarado em outros momentos que o povo deveria ser ouvido. Porém, segundo Domingos e Dante (2004), em certo momento no cenário político, o nome do vice-presidente chegou a ser cogitado por um pequeno grupo.

A figura de Ulysses Guimarães não está à frente por ingenuidade, como sabemos, havia uma negociação entre Ulysses e Tancredo. Se a Emenda das Diretas passasse na Câmara e no Senado, o deputado Ulysses seria muito provavelmente o candidato à presidente pelo PMDB. Se isto não acontecesse, o governador de Minas seria o candidato peemedebista no Colégio Eleitoral. Conforme declarou o próprio Tancredo ao jornalista Mauro Santayana, “[...] falei com Ulysses hoje, no avião, que se não forem aprovadas as eleições diretas – que eu acho difícil sair – eu vou a esse conselho eleitoral, mesmo que seja para ter um voto só!” (LEONELLI & OLIVEIRA, 2004, p, 357).

Um pouco mais abaixo, do lado direito, escrito em cor branca, o semanário traz a seguinte frase: “Ulysses ‘Eleições Diretas’ Guimarães”, aqui fica claro a associação do nome do peemedebista às eleições diretas. Não somente pela expressividade e importância que o deputado teve para o Movimento das Diretas, mas pela admiração que o fotógrafo Orlando Brito declarou ter pelo deputado Ulysses. Orlando, juntamente com o fotógrafo Carlos Namba, são responsáveis por esta capa da Veja. Como já havíamos mencionado, dependendo do prestígio do fotógrafo, este pode ter bastante influência na linha editorial de um veículo de comunicação, conseguindo o melhor espaço da revista para a publicação da sua fotografia.

Outra imagem de ampla visualização em sua dimensão é a fotografia captada na noite do mesmo comício. Veja traz a imagem da multidão vista de cima:



**FIGURA 32:** fotografia da multidão no comício do Rio, captada por um posicionamento privilegiado. Revista Veja, edição de nº 815, publicado em 31 de abril de 1984. Fotógrafo: Orlando Brito.

Assim como na Praça da Sé em São Paulo, a Av. Presidente Vargas no Rio de Janeiro foi retratada nas páginas da *Veja* em cores coloridas. A imagem captada, muito provavelmente do alto de um prédio, traz um “mar” de gente cercado pelos grandes edifícios da capital carioca, e ao fundo, a imponência da Igreja da Candelária, iluminada por um jogo de luzes que valoriza e destaca sua cor dourada. Assim, o semanário busca deslumbrar o leitor com a representação da imagem.

Porém, antes de estampar esta imagem, a revista *Veja* traz uma matéria que antecede a foto, intitulada “O grito da Candelária – A maior manifestação da História do Brasil”. O conteúdo da reportagem busca encantar o leitor de forma contundente. A revista utiliza-se de uma narrativa descritiva, como de costume, descrevendo nos mínimos detalhes o evento.

O semanário afirma que no momento do discurso do advogado Heráclito Fontoura Sobral Pinto (90 anos), este pediu silêncio e a multidão calou-se. Segundo a *Veja*, com voz trêmula o advogado fez seu discurso emocionante de cinco minutos no qual declarou que o movimento não era contra ninguém, mas a favor do povo, e em seguida repetiu junto com a multidão o artigo 1º da Constituição brasileira: “Todo poder emana do povo e em seu nome é exercido”.



Para a revista, esse foi o momento mais emocionante do comício. Tamaña importância é dada ao advogado Sobral Pinto por este ser um símbolo vivo da resistência quando foi advogado de Luiz Carlos Prestes, preso nos anos de 1930 pelo governo de Getúlio Vargas.

Na sequência, Veja vai descrevendo em sua narrativa um comício descontraído, alegre e vibrante. Para tanto, a revista enaltece sempre a ausência de violência e as brincadeiras ocorridas no palanque, como o beijo de Fafá de Belém, com seu batom vermelho, no rosto do deputado pernambucano Miguel Arraes. O semanário cita que o governador do Rio, Leonel Brizola, do PDT, olhou para o pernambucano e disse em tom de brincadeira: [...] “Estou vendo que recebeu uns carinhos” (Veja, 1984, p. 22). O deputado explicou que tinha sido Fafá.

Logo após a descrição enaltecida da Veja, o leitor contempla a fotografia na íntegra, ocupando todo espaço da página. Para afirmar que é a maior manifestação da história, a revista fala em números, e segundo o semanário, os organizadores estipularam um milhão e duzentas mil pessoas, porém, a própria matéria diz que não há um consenso e nem técnica para chegar à cifra exata do número de pessoas presentes no evento. No entanto, ao especular essa cifra demonstrando a imagem, fica fácil condicionar o leitor a acreditar no número mais grandioso por conta da imponência da fotografia. É importante salientar a força expressa na linguagem visual da imagem e utilização desta o tempo todo no semanário. Independente da cifra exata, o evento na Candelária pelas Diretas foi grandioso.

De acordo com Domingo e Dante (2004, p. 496),

A repercussão do comício da Candelária no Congresso Nacional foi tão forte que mesmo os líderes do governo foram obrigados a admitir sua grandeza e legitimidade. Até então, os líderes governistas procuravam apenas desqualificar os comícios anteriores. Do PDS, o único que insistiu numa postura desqualificadora foi o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, que declarou ‘não ter se deixado impressionar pelo comício’.

Ainda segundo os autores, o comício das Diretas na Candelária fez o presidente militar João Figueiredo apressar o envio ao Congresso da Emenda Figueiredo, propondo eleições diretas apenas em 1988.

Percebe-se no discurso construído pela Veja, na cobertura do Movimento das Diretas, que este não alcançaria a dimensão proposta sem a imagem. Assim, a cobertura fotográfica da Veja sobre as Diretas é ancorada majestosamente pela imagem. A

imagem cristalizada nas páginas de Veja funda na sociedade a memória deste movimento suprapartidário. Sabemos que a Veja não foi o único veículo de imprensa a retratar o movimento com textos e fotografias, mas como já falamos, a proposta editorial do semanário em trazer conteúdo jornalístico ancorado por fortes imagens e com tiragens de mais de 500.000 exemplares coloca a revista em uma posição de extrema relevância na cobertura das Diretas.

Deste modo, fica evidente que a revista Veja começou primeiramente na edição de 16 de novembro traçando a organização do Movimento das Diretas com o encontro do governador de São Paulo, Franco Montoro, com jornalistas e advogados, entre outras personalidades do estado Rio de Janeiro. Na sequência do dia 07 de dezembro, Veja mostra o contra-ataque do PDS em se preocupar em colher assinaturas dos seus partidários contra a Emenda Dante de Oliveira.

Em janeiro de 1984, com o deslançar do movimento, a cobertura da revista passa a trazer os grandes comícios espalhados por todo o Brasil com imagens das multidões nas ruas e praças. Sempre que o movimento era atacado por políticos do PDS, o semanário confrontava os discursos dos opositores com imagens e matérias das multidões reivindicando eleições: a imagem fotográfica muitas vezes dividia a mesma página com seus opositores. É nítida a utilização da imagem pelo semanário como fato irrefutável do desejo da sociedade por eleições diretas.

Desta forma, a Veja busca legitimar o desejo das multidões retratadas em suas páginas a cada nova edição e no maior comício das Diretas no Rio. A Veja reaviva de forma contundente na memória do seu leitor o que a multidão presente no comício da Candelária viveu, através do discurso do advogado Sobral Pinto, que declarou “que todo poder emana do povo e em seu nome é exercido”. Ao enaltecer o discurso do advogado, a revista convoca a sociedade, por meio de seu texto e suas imagens, a se fazer presente no tão sonhado “dia D”, o dia 25 de abril de 1984. Neste dia a Emenda Dante de Oliveira foi colocada em votação.

Logo, podemos comprovar na cobertura de Veja a construção de um discurso positivo e enaltecedor do Movimento das Diretas. Ao representar este em suas páginas como um movimento de adesão das diversas camadas sociais, de diversos estados e entidades, com partidos políticos de siglas diferentes, porém, todos unidos pelas Diretas. O fotojornalismo da revista Veja não somente divulgou as Diretas Já por vias positivas, como ajudou a mobilizar e conscientizar os seus leitores na cena política. Cabendo à fotografia um papel de “poder” ao representar todo o Movimento das Diretas, por uma

linguagem visual que buscou impactar a todos, é delegada a ela a função de legitimar todos os personagens que se fizeram presente na cobertura da Veja, fossem estes a favor ou contra as Diretas Já.

## CAPÍTULO III

### DIRETAS JÁ: UMA NARRATIVA FOTOGRÁFICA

O Movimento das Diretas Já cristalizou na memória da sociedade brasileira um lugar de afeto constantemente reproduzido e reforçado pela produção das imagens fotográficas e narrativas desse período de luta política. As multidões nas ruas, praças e diversos lugares, conquistaram um lugar de referência na luta social por direitos políticos. Os 15 meses que antecederam a votação da Emenda Dante de Oliveira, sendo os últimos quatro meses os mais fervorosos, nos apresentaram diversos personagens que caíram no gosto popular através dos comícios, das passeatas e eventos espalhados pelo Brasil. Assim, este capítulo dedica-se a problematizar a memória das Diretas Já fundada pelas imagens na revista *Veja*, os personagens que ficaram marcados pela cobertura do semanário e o discurso de valorização do Movimento em meio a ditadura militar. Pensar esses processos de construção sobre o Movimento das Diretas nos levará a compreender os valores representados pela revista em suas páginas.

Segundo Le Goff (1996), a memória é a capacidade de conservar certas informações que nos levam, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas nas quais o homem pode atualizar suas impressões e informações outrora vividas, ou que ele representa como passadas. Logo, a memória não é somente objeto de estudo da história, mas de ciências como a psicologia, a biologia, entre outras. Memória é, portanto, lugar de identidade, unidade social ou individual no qual nos são reveladas as tensões e relações de poder entre os indivíduos.

Compreender o papel da imagem fotográfica no Movimento das Diretas como um lugar de afeição apreciado pela sociedade, e investigar as imagens nas páginas da revista *Veja*, é absorver da sociedade suas memórias sociais e coletivas outrora arquivadas neste conjunto documental. É buscar naqueles que são os “verdadeiros lugares da história”, como atesta Le Goff (1996), os meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja a memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da

recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1996, p. 476).

Ao engajar-se no Movimento das Diretas, a *Veja* se pauta na reflexão do jogo político. O semanário se preocupa em trazer à tona as questões políticas e sociais presentes no movimento. Desta forma, a revista vai registrando em suas páginas os acontecimentos ocorridos na sociedade brasileira neste período.

O semanário apresenta, através de sua cobertura, as multidões nas ruas consolidadas como instrumento de poder. Neste contexto é delegado à fotografia representar não somente as multidões, mas a essência de um movimento suprapartidário, caracterizado pelo semanário por sua alegria e vibração. O *click* da câmera captura apenas instantes dos comícios que duram horas e tiveram diversos interlocutores discursando em diferentes cidades. Porém, à coletividade existente no Movimento das Diretas é construído todo um sentimentalismo a ponto da multidão ser tratada como um personagem em cena.

Na figura 15, vemos que o semanário apresenta o seguinte título para a imagem: “A praça pede o voto”, ficando claro que a multidão em cena representa um “personagem gigante” por ser formado por diversos corpos que proferem um único grito no instante do *click* fotográfico. Esse episódio social praticado pelos indivíduos presentes na Praça da Sé pode ser classificado como uma identidade coletiva por ser capaz de abranger um grande número de pessoas buscando o mesmo objetivo.

As multidões representadas no semanário são de tamanha importância por refletirem e representarem a vontade política dos civis que estiveram nas ruas, legitimando, assim, o movimento. Para a revista era a conscientização e mobilização da sociedade representada naquele instante pela multidão.

Como afirma Alberto Tosi Rodrigues (1993, p. 118),

as mobilizações são vistas como crises, na medida em que seu advento está associado a uma modificação da situação política. Elas interveem como o evento político [...], o que por sua vez configura a mudança de uma situação a outra.



**FIGURA 33:** A terceira imagem desta página ilustra o caminho percorrido pela caravana das Diretas. Revista Veja, edição de nº 815, publicado em 31 de abril de 1984. Não foi creditado autor da figura.

A imagem acima, representando o mapa do Brasil, ilustra bem a essência homogênea apresentada pelas fotografias da Veja, pois nela podemos observar que não ficou sequer uma região brasileira que a Caravana das Diretas não tenha passado. Por meio da ilustração o semanário registrava para seu público o sentimento de coletividade do movimento. Porém, como podemos ver, as regiões Sul, Sudeste e Nordeste concentram o maior número de visitas, ao tempo que as regiões Norte e Centro-Oeste com menos divulgação sobre o Movimento.

A multidão foi um “personagem” com amplo espaço na cobertura das Diretas Já. Sendo que 35 imagens do semanário foram dedicadas a representar a aglomeração de pessoas, dentre essa quantidade de imagens, duas das três capas dedicadas ao Movimento das Diretas enfatizaram o agrupamento de pessoas que se reuniam para reivindicar as eleições diretas para presidente. As figuras 3 e 4 representam bem a multidão na rua, enquadrada de forma categórica. Essas imagens da população brasileira “pressionavam” deputados e senadores para que estes aprovassem a Emenda Dante de Oliveira. Como atesta Alberto Tosi Rodrigues (1993, p. 07),

Grandes passeatas de protestos, comícios gigantescos – que se realizaram não só nos grandes centros urbanos, mas em inúmeras cidades espalhadas pelo interior do país – foram a marca registrada da campanha. Nela uma motivação estritamente política – pressionar o Congresso Nacional pela aprovação da emenda.

Mesmo com a opinião pública pressionando o Congresso, os políticos sabiam que eram mínimas as chances da Emenda das Diretas ser aprovada. Porém, a oposição tinha noção das divergências existentes no PDS e o enfraquecimento do governo militar fortalecia a oposição dentro do “desumano Colégio Eleitoral”. Como de fato aconteceu, com a não aprovação da emenda das Diretas, ficou mais uma vez para o Colégio Eleitoral escolher o presidente do Brasil. Assim, de acordo com Domingos e Dante, os meses de julho, agosto e setembro de 1984 ficaram marcados pela negociação e aliança entre Tancredo Neves do PMDB, com Sarney, Antônio C. Magalhães e Aureliano, os três últimos do PDS. Estava formada, assim, a Aliança Democrática.

Com o apoio destes políticos do PDS, Tancredo vence Paulo Maluf em 15 de Janeiro de 1985 na última eleição indireta do Brasil. Porém, com a repentina morte do político mineiro, José Sarney, que era vice de Tancredo, torna-se o primeiro presidente a ser empossado após o governo de cinco presidentes militares. A tão sonhada eleição direta só aconteceu em 25 de novembro de 1989 num cenário político polarizado por Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Melo, com a vitória deste último.

Na mesma via de cobertura jornalística, a revista *Veja* trouxe figuras públicas e políticas que se destacaram e caíram no gosto popular, como as cantoras Fafá de Belém, Elba Ramalho e Simone. Fafá foi considerada, por muitos, como a musa das Diretas e nos comícios cantava constantemente o Hino Nacional, o que a tornou querida no meio, sua empatia com o movimento foi constantemente registrada pelo semanário como podemos observar na figura a seguir.



**FIGURAS 34 E 35:** Na primeira imagem temos F. H. Cardoso, Fafá de Belém e Mauro Covas. Na segunda imagem temos Fafá no comício em Olinda-PE. Revista Veja, edição de nº 804, publicado em 01 de fevereiro de 1984. Fotografos: figura 34 Rogério Reis, figura 35 Júlio Jacobina.

Nas duas fotografias acima, a “musa” das Diretas foi representada em dois momentos distintos: a primeira no comício na Praça da Sé e a segunda no comício em Olinda. O texto na página do semanário caracteriza Fafá como militante fervorosa das Diretas, que se apresentou em diversas cidades do Brasil levando a mensagem do Movimento. A reportagem ainda enfatiza que a cantora não era filiada a nenhum partido político, demonstrando claramente o espírito patriota desta. Fafá foi a figura feminina mais presente no semanário durante a cobertura das Diretas Já. A ela foi atribuído o fervor da emoção e do afeto, sentimentos comumente associados ao feminino no meio político brasileiro, em contraposição à razão, reservada ao masculino. A figura de Fafá era constantemente associada a um sentimentalismo romântico, pois através dela acontecia a hora da emoção no comício.

Outra figura pública de destaque nas Diretas foi o locutor oficial do movimento, Osmar Santos. Este chegou a ser chamado pelo semanário como “a voz das Diretas”.





**Especial**  
**Capricha, garoto**  
*Osmar Santos vira o próprio símbolo das diretas*

**R**ojos na chulpa, gimba m, gorda-chinha, e abre espaço que aí vem o pai da matéria, OSMAR SANTOS. Capricha, garoto, e responde à primeira pergunta: e se todo 1980 der em nada, se depois de toda essa multidão nas ruas, de toda essa campanha pelas diretas, acabar dando mesmo Colégio Eleitoral na cabeça? Resposta, no mesmo tom enérgico de quem defende o futebol: do diretor Silveiras, ou ajuda a levar para a frente um ataque da seleção brasileira.

— Mesmo assim terá valido à pena. Mesmo assim alguma coisa terá mudado. O Brasil não pode mais voltar a ser o mesmo. Todo mundo pensava que o povo otimismo desmobilizado, varrido por suas frustrações, mas ele insistiu que está aí, e que quer participar. Está é a coisa mais linda de que eu já coneci parte na minha vida.

O garoto está com a bola toda. Desde o dia 12 de janeiro último — data do primeiro grande comício em favor das eleições diretas para presidente, realizado em Curitiba, Osmar Santos, de 34 anos, há uma década o mais popular locutor esportivo de São Paulo, e agora em situação para se transformar no mais popular do Brasil, arrastando a seu habitual rebanho nos estádios o território das grandes praças públicas do país.

As bandeiras das torcidas ele arrastam as faixas e emblemas dos partidos. A bola e aos gritos de gol, os apelos à participação, e à candidatura para si mesmo. E, na qualidade de locutor oficial dos comícios, para onde transporta a mesma vibração de locutor esportivo, e o mesmo vocabulário rico de expressões diversificadas como "ripa na chulpa", "pai da matéria" ou "capricha, garoto", tornou-se a voz das diretas.

Hoje, além de ferriem da narração de jogos de futebol pelo rádio, Osmar Santos se transformou também em fenômeno político. "O Osmar é a revolução das diretas", afirma o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães. "Com sua habilidade para levantar um comício e, ao mesmo tempo, dirigir a massa humana, ele se tornou uma figura central nisso tudo". Por sua vez, o presidente do PDT, Doutor de Andrade, defende que o locutor conseguiu captar "o espírito das diretas". Até um adversário das eleições presidenciais pela via das urnas, como o líder do PSD na Câmara dos Deputados, Nelson Macfadden, reconhece

34

VEJA, 14 DE MARÇO, 1984



se talento e à força do animador dos palanques da oposição. "Gostaria que ele estivesse jogando no nosso time", lamenta Macfadden.

**NENHUM CONTRATADO** — Osmar Santos simboliza hoje uma tendência que começou a surgir nos estádios de 1978, ganhou força e atingiu proporções mágicas na campanha de 1982 e agora está de novo presente no movimento pelas diretas: a participação dos artistas na política. Da primeira dama do teatro, Fernanda Montenegro, a Fátia de Belém, a cantora de "Menestrel das Alagoas", canção em homenagem ao senador Leonildo Viêla, o elenco é amplo e representativo. — Checo Buzaque de Holanda, Milton Nascimento, Malid Frosença, Raul Cortez. E todos eles ali estão porque querem e porque consideram a causa justa, não porque tenham sido "contratados", como disse certa vez o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel. Ninguém recebe um único centavo para participar das manifestações, inclusive Osmar Santos. Quer receber um cachê, no célebre comício do PSD na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, foi o cantor e apresentador Sérgio Mallandro — que em sua apresentação chamou a primeira dama do país, dona Inace Figueiredo, de "gatinha".

Osmar Santos, entre todos os artistas, e à falta talvez de um político que simbolize e catalise as manifestações, encontra hoje o próprio motivado pelas diretas. Mas não se diga, por isso, como já insinuaram os políticos do governo, que é a sua presença, ou a de outros artistas, que garante o sucesso de que se tem investido na campanha. Para voltar, mais uma vez, ao comício do PSD, na Quinta da Boa Vista, ali sim é que o povo compareceu para ver os artistas — tanto que entravam-se a toda hora o coro de "Brizola" e quando o presidente João Figueiredo apareceu em cena foi vaiado. Nos comícios das diretas é diferente. Osmar Santos é estimado porque é mais um a favor da causa. E, dada sua prestígio e popularidade, alguém que pode garantir a animação e o alto astral dos comícios, num clima de elegância em que ninguém vai chamar uma primeira dama de "gatinha".

**ESTRELA DA TV** — O próprio Osmar nega com surpresa as solicitações e a escalada ainda maior de popularidade que ultimamente vem se registrando em sua volta. "Tudo tem acontecido tão rápido que nem dá para perceber a importância das coisas", diz ele, com seu jeito surpreendentemente tímido e calado para quem está habituado apenas ao locutor frenético e irrevolvente em que se transforma quando tem um microfone à sua frente. Realmente, muita coisa já tem acontecido na vida de Osmar. Depois dos comícios de Curitiba, São Paulo e Belo Horizonte, além de manifescações menores em Santos e Campinas, ele se prepara agora para dirigir o comício do Rio de Janeiro, que se realiza na quarta-feira da próxima semana, dia 21. Foi o próprio governador Leonel Brizola quem o convidou, no momento de uma manifestação de Belo Horizonte. E até mesmo no Carnaval Osmar não teve parte: foi convidado para apresentar, e aceitou com muito prazer, o "Carnaval das Diretas", slogan sob o qual se apresentou este ano o Bloco de Osmar, realizado tradicionalmente nos salões do Hotel Mendior, em Salvador.

Na Bahia, onze até poucos meses atrás não passava de um desconhecido, o locutor paulista pôde sentir de perto como sobe rápido o zombolamento de sua popularidade. Nos ruas, onde saiu para bicar e correr atrás do trio elétrico, e todo momento se via reconhecido por pessoas que ou gritavam "garoto", seu próprio jeito de se referir a seus lá quem for, ou entoavam slogans pelas diretas, como aquele que ele próprio costuma puxar nas manifestações: "Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil". Não é só em relação à política, porém, que estão acontecendo coisas na vida de Osmar Santos. Paralelamente, e de maneira quase simultânea, ele vem experimentando também sua forte mudança em sua carreira profissional, agora em direção a um veículo com o qual tem bem menos intimidade do que o rádio e a televisão. De sua posição de líder absoluto da audiência esportiva nas duas emissoras da Sistema Globo em São Paulo — as rádios Globo e Excelsior, que costumam perfurar um total de 70 pontos de Ibope em dias de jogos —

35

**FIGURAS 36, 37, 38 e 39:** O locutor Osmar Santos na capa da revista Veja. Na seqüência temos novamente Osmar, sendo fotografado no palanque. Na terceira o locutor foi fotografado junto com a multidão em São Paulo. Na quarta fotografia Osmar está no carnaval da Bahia. Revista Veja, edição de nº 810, publicado em 14 de março de 1984. Fotógrafos: figura 36 J.R Duran, figura 37 e 38 Sérgio Moraes, figura 39 Gildo Lima.

Osmar Santos animava a multidão com seus bordões: “ripa na chulipa”, “pai da matéria” e “capricha garoto”. Assim como a cantora Fafá, Osmar é retratado na mesma edição em diferentes capitais do Brasil. As duas últimas fotografias da página 55 da *Veja* trazem o locutor em São Paulo, na Praça da Sé, e em Salvador, no carnaval baiano. É o sentimento de coletividade apresentado pelo movimento nas páginas do semanário. A figura do locutor vai além de simplesmente apresentar o comício ou animar a multidão, Osmar traz para o Movimento das Diretas seu apoio como o principal locutor esportivo do Brasil; sendo admirado no meio popular, ele se comunica com todos através de sua irreverência, cativando seu público para se engajar nas Diretas.

O semanário mostra a dedicação e o empenho de Osmar pelas Diretas Já. Na última imagem da página citada acima, o locutor estava apresentando um baile de carnaval na capital baiana, e mesmo assim fez questão de vestir a camisa do movimento e intitular a festa de carnaval como “festa das Diretas”, demonstrando claramente sua empatia pelo Movimento. Tamanha dedicação pelas Diretas fez Osmar ser indagado pela revista *Veja* sobre a possibilidade de não aprovação da Emenda, mesmo a multidão tendo ido às ruas se manifestar. Osmar Santos respondeu:

Mesmo assim terá valido a pena. Mesmo assim alguma coisa terá mudado. O Brasil não pode mais voltar a ser o mesmo. Todo mundo pensava que o povo estivesse desmobilizado, vencido por suas frustrações, mas ele mostrou que está aí, e que quer participar. Esta é a coisa mais linda de que eu já tomei parte na minha vida. (revista *Veja*, 1984, nº 810, p. 54).

Desta forma, o semanário vai trazendo e apresentando a opinião de algumas figuras públicas que foram fotografadas em suas páginas. Apesar de muitos artistas de televisão terem aderido ao Movimento das Diretas e serem constantemente citados nas matérias, é evidente que nem todos poderiam ter o mesmo destaque na cobertura do semanário ou qualquer outro veículo de comunicação.

As figuras políticas representadas nas páginas da revista protagonizaram o jogo político mais efervescente deste período. Na cobertura do semanário, os velhos antagonismos e as novas alianças vão se consolidando, entre a oposição e a situação.

A cada edição o semanário vai configurando para o leitor a situação do cenário político que o Movimento das Diretas Já enfrentava. A revista *Veja* vai apresentando os políticos de oposição que se destacaram por fazer frente ao Movimento, entre estes se destacam o chefe da Casa Civil Leitão de Abreu, o presidente do senado Moacyr Dalla, o deputado federal Paulo Maluf, o ministro da justiça Ibrahim Abi-Ackel, o presidente

militar João Figueiredo, com seus discursos ora flexíveis, acenando para uma possível concordância com a Emenda Dante de Oliveira, ora divergindo com as diretrizes da Emenda.

Temos ainda dois políticos que na prática foram os braços fortes do governo no Congresso: o presidente do PDS na Câmara, o deputado federal Gerson Peres, e o presidente deste partido no senado, o senador José Sarney. Estes dois buscaram manobrar o jogo político o tempo todo contra as Diretas. O líder da Câmara e do Senado do “partido dos militares” declararam-se abertamente contra a Emenda Dante de Oliveira; estes estavam constantemente nas articulações políticas no Congresso procurando fortalecer a imagem do PDS para que a onda das Diretas Já não levasse o “castelo de areia” construído com as falidas diretrizes do regime militar.

Impermeabilidade no que tange ao diálogo com as oposições, rompimento das negociações com PTB, sucessão de escândalos financeiros, forte erosão da credibilidade do governo (e da área econômica em particular), atrito entre o Presidente e o Vice, crise econômica em ascensão e insistência numa política salarial de arrocho extremamente impopular, que colocava os parlamentares, inclusive os do PDS, em situação bastante difícil. Enfim uma excelente receita de derrota política (RODRIGUES, 1993, p. 99).

Com um governo desgastado no eixo político, econômico e social, os líderes do PDS precisavam se desdobrar para barrar os avanços da Emenda das Diretas. Por conta das negociações e conchavos, esses líderes desempenham um papel de destaque na cobertura da Veja.

Dos políticos do PDS, o vice-presidente Aureliano Chaves era o que mais se destacava com certa simpatia na cobertura da revista. O nome de Aureliano despontava com certa fraternidade por este acenar positivamente para eleições diretas.

Os políticos que apoiavam as Diretas e tiveram destaque na cobertura do semanário foram: o governador de São Paulo, Franco Montoro; o senador Fernando Henrique Cardoso; o governador de Minas, Tancredo Neves; os deputados federais Ulysses Guimarães e Dante de Oliveira; todos estes, políticos do PMDB. Dos outros partidos temos em destaque o governador do Rio, Leonel Brizola, do PDT, e o líder sindical do PT, Lula. Vale salientar que o líder sindical não teve grande ênfase nas imagens dos palanques como outras figuras públicas o tiveram, em contrapartida, o semanário caracteriza o Partido dos Trabalhadores como um partido bem organizado pelos seus militantes, muitos destes vindos das Universidades trazendo para o PT ares

de intelectualidade. Porém, o nome de Lula era constantemente citado pelo semanário, assim como é nítida a presença das cores do PT nas imagens das multidões.



**FIGURAS 40 E 41:** Na primeira imagem temos o deputado Ulysses discursando num palanque. Na segunda imagem o deputado fazendo as malas. Revista *Veja*, edição de nº 815, publicado em 18 de abril de 1984. Fotografos: figura 40 Marcos Sá Correia, figura 41 Luigi Mamprim.

De todos os políticos, Ulysses Guimarães é aquele que o semanário dá maior destaque através da imagem fotográfica e das matérias jornalísticas. A capa da edição 815 de 31 de abril de 1984 representa bem essa estima. Ulysses não foi somente o único político a ser enquadrado pela *Veja* em sua capa como um líder à frente das multidões nestes quinze meses de Diretas. Ele se destaca na cobertura do semanário por ser aquele, segundo a *Veja*, que fez questão de levar a mensagem das Diretas às pequenas cidades. É o político que respira Diretas “24 horas por dia” com paciência e obstinação, o deputado fazia questão de se encontrar com as lideranças de seu partido, de entidades como a Igreja Católica e políticos internacionais como o presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, o do México, De La Madrid, e o da Venezuela, Jaime Lusinehi. Com tantas características que convém a um líder, a revista traz para o cenário das Diretas a sua simpatia pelo deputado Ulysses Guimarães.

Ulysses era retratado pela Veja como um líder político obstinado pela democracia e com uma capacidade de negociação grandiosa. O sistema militar estava falido, não correspondia às necessidades do cenário social, e a Veja caracterizava o peemedebista como um político capaz de guiar a nação para os novos rumos.

Já as cidades que mais se destacaram na cobertura do semanário foram (como era de se esperar, por terem governadores de oposição aos militares) São Paulo, Rio Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba. Nestas aconteceram grandes comícios com cifras numéricas empolgantes. No comício da Praça da Sé foram 200.000 pessoas, no Rio a multidão chega a ser cogitada em 1 milhão, na capital mineira a cifra chega a 250.000 pessoas aglomeradas na Avenida Afonso Pena, e em Curitiba 30.000.

A mobilização e conscientização de grande número da população dessas capitais não ocorriam simplesmente por serem metrópoles populosas. Nestas capitais, os partidos de oposição tinham conseguido vencer o PDS nas eleições locais que ocorreram de forma direta. Na capital paulista, o governador era Franco Montoro, do PMDB, no Rio o governador era Leonel Brizola, do PDT, em Minas Gerais o governador era Tancredo Neves, e em Curitiba o prefeito era Maurício Fruet, estes dois últimos do PMDB. Esse cenário político nos mostra que a mobilização popular ganhou um reforço importante quando os líderes políticos locais apoiavam o Movimento.

O Movimento das Diretas contava com uma infraestrutura para mobilizar a multidão a ir às ruas. No comício da capital paranaense o PMDB distribuiu 2,5 milhões de panfletos, 15 mil cartazes e 15 mil camisetas estampando a frase “eu quero votar para presidente”; segundo Domingos e Dante, 15 inserções comerciais foram veiculadas na TV Iguaçu, já que a afiliada da TV Globo local se recusou a veicular as chamadas na programação local.

A estratégia de mobilização e conscientização era repetida nas diversas capitais, os prefeitos que apoiavam o Movimento das Diretas enviavam ônibus lotados de civis de diversas cidades para os comícios. A população era incentivada por diversas vias de propaganda para estar nas praças e ruas lutando pela democracia.

Em meio a tantas formas de mobilizar e conscientizar, a mídia jornalística se destaca por supostamente trazer uma informação mais aprofundada com ares de imparcialidade. Como afirma Tania de Luca ([s.d.], p.04), “Consagrou-se a ideia de que o jornal cumpria a nobre função de informar ao leitor o que se passou, com o rigoroso respeito à ‘verdade dos fatos’”. É necessário compreender que a notícia passa por um processo de estruturação e formação para chegar ao leitor, a imagem fotográfica neste

contexto se apresenta como “testemunha real” dos acontecimentos ocorridos. A multidão que estava nos comícios podia se ver na imagem e assim testemunhar que o evento aconteceu. É a imagem fotográfica na cena política e social como fonte legitimadora do Movimento das Diretas Já.

A fotografia pública é produzida por agências de produção da imagem que desempenham um papel na elaboração de uma opinião pública (meus de comunicação, estado etc.). É, portanto, suporte de agenciamento de uma memória pública que registra, retém e projeta no tempo histórico, uma versão dos acontecimentos (MAUAD, 2013, p.03).

Os veículos de comunicação constroem essa narrativa pelas vias visuais e verbais, formando, assim, uma opinião intertextual alicerçada pelos acontecimentos em seu tempo. Desta forma, o registro dos eventos ocorridos são apresentados ao público em seu tempo histórico, criando neste laços de empatia e coparticipação. “A fotografia pública produz visualmente um espaço público nas sociedades contemporâneas, em compasso com as visões de mundo as quais se associa” (MAUAD, 2013, p. 03).

As fotografias apresentadas nas páginas da revista *Veja* nos fornecem a possibilidade de uma análise política e social das atividades deste Movimento, ajudando-nos a compreender a dimensão das Diretas, não somente pelas vias dos grandiosos comícios, mas também pela lógica do jogo político entrelaçado no meio social. Esses conflitos vivenciados no Movimento das Diretas Já configuram a crise instaurada no Brasil durante o período dos governos militares. Para compreendermos esse processo é necessário problematizar e analisar esses discursos, já que o semanário retrata o Movimento das Diretas por vias de interesses pertencentes a um tempo, lugar e classes sociais.

O jornalismo abordado pela *Veja* no período das Diretas assumiu uma postura de opinião capaz de ditar regras para o leitor, instrumentalizando normas de conscientização e mobilização em aspectos da vida dos diversos leitores, considerando assim que seu público busca informações que vão do estilo de vida ao comportamento político e social; além do semanário influenciar e determinar comportamentos na sociedade utilizando a representação e o *status* que lhe é conferido.

Desta forma, o Movimento das Diretas, representado pelo fotojornalismo da revista *Veja*, simboliza a esperança da luta política e social da população que esteve nas praças e ruas do Brasil. Com a multidão participando de forma mais incisiva na cena

política, as disputas e os velhos antagonismos passaram a ganhar força contra o sistema político militar desgastado.

Dentro desse jogo de representações, mesmo o semanário demonstrando em sua cobertura simpatia pelo Movimento das Diretas, a revista em sua edição de número 813 faz uma análise dos 20 anos da ditadura e classifica o golpe militar de 64 como “revolução”. Nesta análise, a Veja relata o fracasso do regime militar que, segundo a mesma, não alcançou seu êxito, apesar das “transformações econômicas” ocorridas neste período. Porém, sabemos que a economia brasileira ainda passava por uma recessão com um “arrocho extremamente impopular” e com uma inflação de 230%, herança essa do regime militar.

Assim, o jogo político começa a mudar por meio da reivindicação das multidões, a qual foi representada nas páginas da Veja como uma personagem gigante auxiliada por políticos bem articulados. Essa configuração enquadrada no fotojornalismo do semanário buscou, portanto, retratar uma sociedade bem mais mobilizada no contexto nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações fotográficas do Movimento das Diretas Já num veículo de comunicação de massa nos mostraram a cumplicidade da revista *Veja* com o movimento. Na cobertura jornalística do semanário, as fotografias representavam um movimento animado, descontraído e consciente de sua mobilização. As multidões nas ruas legitimava a vontade soberana do “povo”, que queria fazer história por meio de sua força democrática.

Por mais que a revista vinculasse a imagem fotográfica ao texto jornalístico, é a fotografia que impacta o leitor, por conta do seu “poder” de representar a cena descrita, através da imagem. A figura 3, do comício na Praça da Sé-SP, e a figura 4, do comício na Avenida Presidente Vargas-RJ, demonstram como o semanário buscou impactar seu público através das imagens. Mesmo demonstrando que o Movimento das Diretas Já trazia uma homogeneidade, a *Veja* faz sua cobertura enaltecendo a capital de São Paulo, sede da Editora Abril, ao delegar que o manifesto das Diretas Já era paulista. Além de dedicar a esta capital a primeira fotografia de capa com a multidão nas ruas.

Já o título de sediar o primeiro comício das Diretas Já foi determinado à cidade de Curitiba-PR. Porém, sabemos que o primeiro passo para oficializar o Movimento das Diretas Já foi em 15 de julho de 1983 na cidade de Goiânia-GO.

Mesmo não elencando em sua cobertura alguns fatos pertinentes para o registro histórico, o semanário da Editora Abril nos traz uma perspectiva desse movimento como um ato capaz de delegar à multidão a capacidade de escolher seus representantes. “Não seria o candidato a presidente pedindo o voto do eleitor. Mas o eleitor concedendo ao candidato o direito de ser candidato” (LEONELLI E & OLIVEIRA, 2004, p. 604).

Na cobertura da revista *Veja*, a multidão assume a vanguarda de brigar pelo direito de escolher seu presidente, sendo uma ruptura sem sangue, pacífica, na qual a grande “massa” escolheria seu novo líder. Não seria uma ruptura proclamada por um príncipe português (Período Regencial) ou uma república proclamada por um grupo de generais. A multidão seria a protagonista da escolha com a aprovação da Emenda Dante de Oliveira (a Emenda das Diretas). A estrutura política do Brasil mudaria radicalmente com o êxito da emenda no Congresso Nacional.

Nesta perspectiva, a análise documental demonstrou que o semanário buscou retratar os eventos pertinentes ao jogo político social deste período discursando sobre as



mínimas chances de vitórias da emenda e as grandes chances dela ser barrada pelo Congresso Nacional. Não foi omitido para o leitor o difícil cenário político enfrentado pelas Diretas, que apresentava larga vantagem para o PDS (o partido dos militares que fazia oposição à Emenda Dante de Oliveira), porém, a multidão nos comícios era usada constantemente para pressionar os políticos. Isso demonstra o apoio do semanário ao movimento através das reportagens, carta ao leitor e por meio da imagem fotográfica enquadrada categoricamente para impressionar e testemunhar o acontecimento.

Problematizar a imagem fotográfica como eixo central de um movimento tão importante para o Brasil só foi possível a partir da escolha teórico-metodológica que possibilitou analisar a imagem por diversos ângulos de concepção, levando em consideração os diversos interesses que compõem a fotografia.

Discutimos a postura adotada pelo semanário na cobertura das Diretas Já, enfatizando os valores que a revista atribuía ao Movimento. Demonstrando, assim, como o discurso construído pela Veja estabeleceu um laço de cumplicidade com esse período político da história brasileira. Para isso, analisamos a estrutura do discurso como fator de reflexão capaz de conscientizar e mobilizar.

Por fim, reforçamos a importância da fotografia do Movimento das Diretas Já para a memória do Brasil. Em tempos de difíceis escolhas no cenário político, com tantos partidos, é importante analisar um movimento da magnitude das Diretas em termos de conscientização, mobilização e esperança, que nos faz ter a responsabilidade de escolher os novos líderes por processo eleitoral qualitativo, rico em propostas que abarquem o tamanho do Brasil. No entanto, jamais poderemos esquecer que o poder emana de todos nós.

## FONTES E REFERÊNCIAS

1964: Maria Helena Capelato - O papel da Imprensa no golpe. São Paulo: Univesp TV, 2014. Online (30 min), son., color. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=2teX16wFfvc](http://youtube.com/watch?v=2teX16wFfvc)>. Acesso em: 20/10/2014.

ACERVO DIGITAL REVISTA VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervo/home.aspx>>. Acesso em: 01/08/2013.

AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BASTOS, Lucia Elena Arantes Ferreira. A anistia brasileira em comparação com a América Latina: uma análise na perspectiva do direito internacional. In: SANTOS, Cecília Macdowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (Org.). **Desarquivando a ditadura - memória e justiça no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 2008, p. 386-403.

BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 31-44.

BRASIL ESCOLA. **João Goulart**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/joao-goulart.htm>>. Acesso em: 20/10/2014.

BRASIL. **Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979**. Planalto do governo/Casa civil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm)>. Acessado em: 01 fev. de 2015.

BRITO, Orlando. **As lágrimas de Dante**. Matéria postada no blog Censura Prosa e Política. Disponível em: <[http://prosaepolitica.com.br/2012/01/31/as-lagrimas-de-dante/#.VFp9KvnF\\_P1](http://prosaepolitica.com.br/2012/01/31/as-lagrimas-de-dante/#.VFp9KvnF_P1)>. Acesso em: 02/09/2014

BRITO, Orlando. **Ulisses – Abril de 1977**. Matéria postada no site Orlando Brito. Disponível em: <<http://www.orlandobrito.com.br/>>. Acesso em: 03/09/2014.

BURKE, Peter. Fotografia e retratos. In: **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 25-41.

CARDOSO, Lourenço. **Observando fotografias, enxergando discursos**: Narrativas fotografias sobre a cidade de Pirenópolis (início do século XX e primórdios do século XXI). Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *et al.* Fotografia e História: ensaio bibliográfico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v.2 p. 253-300, 1994. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/anaismp/article/download/5302/6832](http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/download/5302/6832)>. Acesso em: 14/08/2014.

CÉSAR, Guillermo Rojas de Cerqueira. O conceito de ideologia e a ideologia do direito em Althusser. **Revista crítica do direito**, São Paulo, v. 47, n. 02, [s.p.], 2013. Disponível em: <<http://www.criticadodireito.com.br/todas-as-edicoes/numero-2---volume-47/o-conceito-de-ideologia-e-a-ideologia-do-direito-em-althusser>>. Acesso em: 31/01/2015.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. A campanha das Diretas Já: narrativas e memórias. **XXIV Simpósio de História da Associação Nacional de História – ANPUH**, 2007. Anais... [s.p.]. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S19.R.pdf>>. Acesso em: 27/07/2013.

ENTREVISTA com o fotógrafo Rogério Reis, concedida ao blog digiforum. Disponível em: <<http://digiforum.com.br/viewtopic.php?t=84897>>. Acesso em: 02/09/2014.

ENTREVISTA com o fotógrafo Rogério Reis, concedida ao blog olhave. Disponível em: <<http://olhave.com.br/entrevistando-2/>>. Acesso em: 10/09/2014.

GINZBURG, Carlos. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. p. 118-136.

GONÇALVES, Maxlander Dias. **Veja – uma história do PT e do primeiro governo Lula sob a ótica das notícias**. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) - Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2009.

JESUS, Rosane Martins de. A Emoção através dos discursos: a *Folha de S.Paulo* e a utilização do jornalismo literário como recurso para popularizar a Campanha Diretas Já. **VII Encontro Nacional de História da Mídia**. 2009. Anais ... p. 1-13. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/A%20Emocao%20atraves%20dos%20discursos%20a%20Folha%20de%20S.Paulo%20e%20a%20utilizacao%20do.pdf>>. Acesso em: 25/07/2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Editora Ateliê, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. In: **Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 423-549.

LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA, Dante de. **Diretas Já**: 15 meses que abalaram a ditadura. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

LÍSIAS, Ricardo. Dez fragmentos sobre a literatura contemporânea no Brasil e na Argentina ou de como os patetas sempre adoram o discurso do poder. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Org.). **O que resta da ditadura**. Coleção estádio de sítio. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 319-328.

LUCA, Tânia Regina de. **A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX**. [s.v.], [s.n.], p. 1-22, [s.d.]. Disponível em: <[http://www.brasa.org/Documents/BRASA\\_IX/Tania-Luca.pdf](http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Tania-Luca.pdf)>. Acesso em: 05/06/2013.

MARTINS, Ricardo Constante. **Ditadura Militar e Política: A revista manchete durante o governo Médici**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos – SP, 1999.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

\_\_\_\_\_. **Fotografia pública e cultural do visual em perspectiva histórica**. [s.l.], [s.v.], [s.n.], p. 1-10, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/rbhm/ed04/dossie/01.pdf>>. Acesso em: 14/10/2014.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984**. São Paulo: Publisher, 2013.

PORTAL G1. **Argentinos comemoram os 30 anos do fim da ditadura militar no país**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/12/argentinos-comemoram-os-30-anos-do-fim-da-ditadura-militar-no-pais.html/>>. Acesso em: 14/04/2015.

PORTAL UOL EDUCAÇÃO. **Militarismo na América Latina**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/militarismo-na-america-latina-a-ditadura-militar-na-argentina.htm>>. Acesso em: 14/04/2015.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Mobilização e conflito político: a campanha das “Diretas Já”**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós-graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas - SP, 1993. 259p.

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. O analfabetismo no Brasil sob o enfoque demográfico. **Caderno de pesquisa**, n. 107, ano 7, p. 169-186, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a07.pdf>>. Acesso em: 11/09/2014.

TABELAS GERAIS DE CIRCULAÇÃO DE REVISTAS DO GRUPO ABRIL. **Revista Veja**, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral/imprimir>>. Acesso em: 18/09/2014.

TICIANELI, Ediberto. **Colégio Eleitoral: quando a Ditadura tentou parecer uma democracia**. Site Tribuna do Sertão, Estado de Alagoas. Disponível em: <<http://www.tribunadosertao.com.br/blog/edbertoticianeli/colegio-eleitoral-quando-a-ditadura-tentou-parecer-uma-democracia/>>. Acesso em: 20/03/2015.

VALENTE, Rubens. *et al.* Lei da anistia racha governo e chega ao STF. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, ano 94, 23 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2009/08/613581-lei-da-anistia-racha-governo-e-chega-ao-stf.shtml>>. Acesso em: 01/02/2015.